

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

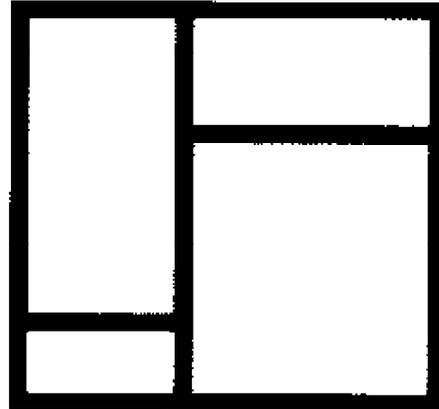
**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

6ª edição
revista e ampliada



DIALÉTICA DO AMOR PATERNO

**QUESTÕES
DA NOSSA
ÉPOCA
105**

**CORTEZ
EDITORA**

DIALÉTICA DO AMOR PATERNO



Coleção
QUESTÕES DA NOSSA ÉPOCA
Volume 105

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gadotti, Moacir

Dialética do amor paterno / Moacir Gadotti –
6. ed. rev. e ampl. – São Paulo, Cortez, 2003. – (Coleção
Questões da Nossa Época ; 105)

Bibliografia

ISBN 85-249-0923-4

1. Amor paternal – Narrativas pessoais 2. Pais e
filhos I. Título. II. Série.

03-1416

CDD-306.8742

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor paterno : Depoimentos : Sociologia 306.8742
2. Filhos e pais : Relações : Sociologia 306.8742
3. Pais e filhos : Relações : Sociologia 306.8742

MOACIR GADOTTI

DIALÉTICA DO AMOR PATERNO

6ª edição revista e ampliada

DIALÉTICA DO AMOR PATERNO

Moacir Gadotti

Capa: Estúdio Graal

Revisão: Agnaldo Alves

Composição: Dany Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

© by Autor

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Bartira, 317 — Perdizes

05009-000 — São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

E-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil — maio de 2003

As mães.
E às futuras mamães.

Não deixa de ser verdade que há, evidentemente, uma enorme arbitrariedade no amor que tenho pelo *meu* filho, na preferência que dou ao meu filho. Não posso evitar inteiramente essa arbitrariedade, mas posso, apesar de tudo, torná-la menos escandalosa na medida em que for capaz de unir esse amor pelo meu filho ao amor pela coletividade das crianças.

Georges Snyders

Sumário

Nota à 6ª edição: A esperança venceu o medo	9
Prefácio	11
Apresentação	14
PRIMEIRA PARTE — <i>Em busca de um referencial</i>	
1. Razão & Emoção: o conflito da paternidade	20
1.1. Snyders & Rousseau	20
1.2. Objetividade impossível	23
1.3. Rotina & Cotidiano	25
1.4. Presença & Ausência	26
1.5. Amor & Disciplina	27
1.6. Duas teses	28
2. Amor & Família	30
2.1. Amar o amor	30
2.2. Sartre: o (des)amor que sufoca	31
2.3. Kafka: o amor negado	32
2.4. A família em devir	34
2.5. O intelectual comprometido e a família	39
SEGUNDA PARTE — <i>Aprendendo a ser pai com meus filhos</i>	
3. Presença & Ausência	44
3.1. Uma relação dialética	45
3.2. Transitoriedade	47
3.3. Dialética do velho e do novo	49

3.4. Conversar sobre os filhos	52
3.5. “Amor plural”	53
4. Cotidiano & Rotina	56
4.1. Prazer & vontade de poder	56
4.2. A indesejável criança	58
4.3. Caminhar juntos	59
4.4. O meio hostil	61
4.5. A geração insegura	62
4.6. Quando é preciso perder	64
4.7. ...para ganhar	66
5. Amor & Disciplina	68
5.1. Obstáculos	68
5.2. Amar é prestar atenção	71
5.3. As regras do jogo	73
5.4. Não esconder o jogo	75
6. Diálogo em três orações	78
6.1. Sentido histórico da paternidade	78
6.2. Os filhos unindo os pais	80
6.3. Diálogo & Conflito	81
Epílogo	84
 TERCEIRA PARTE — <i>Vinte Anos Depois</i>	
1. Cartas, os textos mais importantes que escrevemos ...	88
2. Debate com os leitores e leitoras	100
3. Podemos amar todas as crianças como amamos nossos filhos?	109
Bibliografia	117

Nota à 6ª edição

A ESPERANÇA VENCEU O MEDO

Meu prezado amigo Cortez,

Estou iniciando o ano de 2003 duplamente alegre e esperançoso. No nível social e político, realizamos o sonho de ver um projeto mais justo e humano para nosso país. No nível pessoal, estou me realizando com a reedição do meu livro *Dialética do amor paterno*, agora, na coleção “Questões da nossa época”.

Para esta nova edição, acrescentei mais uma parte sobre o que aconteceu nesses 20 anos que nos separam da primeira apresentação do livro, quando foi editado na coleção “Polêmicas do nosso tempo”. Nela, destaco a importância das cartas na dialética do amor paterno/materno e estabeleço um diálogo com os meus leitores e minhas leitoras, que me enviaram seus comentários por meio de belíssimas cartas. Termino por rediscutir o grande desafio do livro que está na relação entre o amor pelos meus filhos e o amor por todas as crianças, que tanta polêmica gerou na época. Fazendo um trocadilho, posso dizer que faz sentido ele sair das “polêmicas do nosso tempo” e ir para as “questões da nossa época”.

Os livros são todos datados. Fiz a releitura deste, pensando em “atualizá-lo”. Contudo, percebo que isso tiraria a sua identidade, o que ele tem de mais autêntico no mo-

mento em que foi escrito. Num livro de Eduardo Galeano, *A pedra que arde*, um menino descobre uma pedra que rejuvenesce as pessoas ao tocá-la. Leva para perto dela o seu velho avô para que ele volte à juventude. Mas o avô se recusa, pois, se voltasse a ser jovem, perderia todas as suas rugas, que são as marcas da sua história. Ele perderia sua história e sua identidade. Creio que não posso rejuvenecer esse livro. Posso apenas contar sua história num novo capítulo.

Quero dizer o que sinto, agora, neste momento. Sinto alegria. Afinal, a esperança venceu o medo. Lula representa a conclusão de um processo de transição democrática iniciado no início da década de 80, com o fim da ditadura militar, que ele ajudou a derrubar. Com a vitória da esperança sobre o medo, inauguramos um novo estilo de fazer política no Brasil: com esperança e alegria.

Como Lula declarou no discurso emocionado no Parlatório do Palácio do Planalto, diante de uma multidão de 150 mil pessoas que se amontoavam na Praça do Três Poderes, em Brasília, dia 1 de janeiro de 2003, “sou o sonho de uma geração”, disse, lembrando “os companheiros que morreram pela democracia e pelas liberdades”. De fato, ele é o resultado não de uma eleição, mas de uma história. Diante da multidão de bandeiras vermelhas que o saudavam, Lula conclamou os “companheiros e companheiras”. E, vendo também tantas crianças, jovens e até bebês na praça, foi mais além e disse emocionado: “Tratarei vocês com o respeito que trato os meus filhos”. Lula parece estar realizando a difícil dialética do amor “capaz de unir o amor pelo meu filho ao amor pela coletividade das crianças”.

Moacir Gadotti

São Paulo, 7 de janeiro de 2003.

Dia em que minha mãe está completando 85 anos.

Prefácio

Bem antes de ler o texto que me proponho ora prefaci-
ciar, conheci o seu autor, primeiro como colega universi-
tário, e depois como amigo. A amizade se desenvolveu
após a militância conjunta na Faculdade de Educação da
UNICAMP, ele, então, no Departamento de Sociologia
da Educação, e eu no Departamento de Psicologia Edu-
cacional.

Seis anos atrás, nós dois nos separamos acadêmica-
mente, mas nos aproximamos no nível mais pessoal das
crenças, gostos e ilusões. A dimensão sócio-política do
Moacir acentuou-se mais em termos de engajamento con-
creto, esse sempre associado a um referencial teórico, ain-
da presente no texto em apreço e do qual ele parece não
poder se desvencilhar, mesmo almejando-o.

A distância geográfica que nos separava, pois eu me
mudei para o Departamento de Psicologia Médica e Psi-
quiatria da Faculdade de Ciências Médicas da mesma
Universidade, veio até permitir que um outro tipo de con-
vivência se desenrolasse entre nós dois. Muito contribuiu
para isso nossas longas e contínuas viagens pelo trajeto
Campinas-São Paulo, que até recentemente fazíamos de
carro pela Anhanguera (Moacir se recusava a viajar pela
Bandeirantes pois essa estrada lhe parecia muito retilínea
e pouco surpreendente).

Conheço também pessoalmente as outras personagens desta estória: Clara, Dimitri e Inaê, o que transformou para mim em grande parte a leitura de um texto que pretende ser um fórum aberto de debates num epistolário íntimo para poucos desvelado. Essa é uma das características e um dos valores do texto. O tema da separação do casal usualmente não é tratado com a experiência direta e expressa do próprio autor.

As vivências da paternidade nessa situação fluem aqui da pena de um coração sofrido e amante. Disso o leitor se aperceberá imediatamente. Os arrazoados ou argumentos para onde parece intentar desembocar o relato autobiográfico do autor desvanecem-se perante a intensidade emocional donde eles emergem.

Confesso que após a primeira leitura, principalmente da primeira parte do texto, experimentei uma série de insatisfações, pois certas afirmações do autor não saciavam a minha razão pensante. Logo me apercebi que o bojo do texto não era racional e sim emocional. As razões me deram uma outra impressão: fugas musicais numa partitura descomunamente trágica.

Ao longo do texto o autor se debate com a própria angústia que ele intenta partilhar com o leitor. O autor não está falando, por exemplo, da televisão mas das contínuas rupturas de presença e ausência entre pais e filhos. O drama sem fim da família que ocorre com os seus componentes, fisicamente unidos ou separados, reside nas conflitivas relações triangulares entre o pai, a mãe e os filhos. Como é a paternidade (ou a maternidade) sem a sua contraparte? Como ser o pai dos seus próprios desejos separado da esposa que é a mãe de seus filhos? Trata-se de algo mortal, conclui o autor. E é esse tipo de sentimentos que ele debate com o leitor.

A culpa, a culpa de todos nós é também apontada pelo autor quando ele se refere ao juízo externo da sociedade.

O tema do capitalismo e do socialismo, no sentido de possessão e de negação da possessão da prole, entra como eco ressonante dos ganhos e perdas afetivas do pai e como tese central, muito adequada para uma coleção de “Polêmicas”: “o amor pelos meus filhos ganha força e beleza com o amor por todas as crianças”.

A paternidade tem um preço. Eis um texto que escapa ao teor esperado de um tema debatido publicamente. O autor se despe e despe o próprio leitor, o qual pode resistir argumentando com razões para escapar da partilha de angústias e emoções.

Miguel de La Puente
Campinas, 27 de agosto de 1984.

Apresentação

Esse livro é uma prestação de contas de um pai.

É, por isso, um relato parcial, amoroso, existencial, datado.

É apenas um ponto de vista, um depoimento. Nada mais.

Não pretendo buscar o modelo da paternidade, buscar o “pai ideal” ou o “pai herói”.

É apenas um pai comum, um pai que sou eu mesmo, que busca compreender o que é *ser pai*.

Freqüentemente encontrava-me fora de casa, para cursos, palestras ou debates, com muitas saudades dos filhos. Em meio ao trabalho, e muito mais quando este findava e eu ficava só com os meus pensamentos e sentimentos, surgia forte a lembrança dos filhos, remoendo por dentro, balançando minhas estruturas, como se costuma dizer.

Lembro-me de ter recebido, nessa andarilhagem, perguntas que ficavam sempre sem resposta: “conheço você pelo que você escreve, pelo que você faz, mas, deixando isso de lado, gostaria de saber como você é em casa, com os filhos”. “Como você é como pai?”

Sempre encarei essas perguntas com muita seriedade. Na verdade, essas eram dessas perguntas às quais não respondemos de público, ou, quando respondemos, acabamos gaguejando, “escorregando” nas respostas. Nos sentimos mais à vontade para responder às perguntas de or-

dem geral, mas freqüentemente recuamos diante de uma questão que nos implica pessoalmente. É mais fácil nos esconder atrás de uma teoria que nos instala e nos oferece certezas. E o marxismo tem servido enormemente, como teoria geral da vida e da sociedade, para oferecer um abrigo seguro para muitos que, por preguiça ou por convicção política, já pensam ter encontrado a verdade.

Creio que certas questões que já me foram colocadas por estudantes ou colegas não objetivavam verificar o grau de coerência entre um discurso e a prática. Essas questões manifestavam muito mais uma saudável provocação, buscando saber até que ponto eu continuava *sensível* ao que me acontecia ao redor. Entretanto, procurando ultrapassar o significado imediato da questão, eu procuro me questionar a partir dela: tenho sustentado a “dúvida” como categoria pedagógica, passo inicial de toda auto-educação; tenho estimulado o “auditório” à prática da suspeita e a suspeita da suspeita. Até que ponto *eu*, pessoalmente, intimamente, me interrogo ainda, me questiono sobre o *fundo* de todas as questões — que é a vida, o amor, os filhos?

Essas questões sempre me deixavam perplexo. Sentia não poder ser verdadeiro sem anunciar que aquelas perguntas cavavam fundo sob meus pés, tirando-me todas as certezas. Jamais uma pergunta como essa, “como sou como pai”, me deixou tão inseguro. Poderia responder protocolarmente. Poderia fazer algumas citações. Talvez isso satisfizesse parcialmente o interlocutor. Mas não satisfazia a mim.

Sinto-me como um pai insatisfeito na forma como sou pai, com o tipo de relação que tenho com os meus filhos.

Por isso, decidi entender melhor meus filhos, buscar ser melhor com a ajuda deles. Procurei que eles respondessem comigo às inquietações e dúvidas que me assaltaram.

Permita-me o leitor, inicialmente, ser um “pai coruja”, permita-me que eu os apresente a vocês: Dimitri, 11 anos, e Inaê, 7 anos.

O Dimitri é o que foi nomeado, chamado e apelidado. Ele é chamado de “Ferrugem” porque é muito sardento. Quando na TV aparecia um comercial afirmando “Ziebart ou Ferrugem” ele sorria para nós (eu e sua mãe Clarinha) e dizia cheio de si: “Ziebart ou Eu”. Quando menor foi também chamado de “Sobe e Desce”, “Tira-se e Coloca-se”. Esse apelido foi dado por um nosso amigo que estudava conosco em Genebra (entre 1973-1977). Dimitri tinha, então, pouco mais de dois anos. Esse amigo, chamado Jeffery Frankel, chegava em casa e imediatamente sentava-se. Dizia que ao ver a enorme atividade do Dimitri sentia-se cansado.

Dimitri também recebeu outros apelidos como “Rayon de Soleil” (Raio de Sol), “Joie de Vivre” (Alegria de Viver). Dimitri é ainda uma criança. É tudo o que um pai pode desejar como filho: afetuoso, muito afetuoso, espontâneo, lutador, alegre e triste, esportivo, aberto a todas as novas idéias, moderno, apaixonado.

E a Inaê?

É a doçura em pessoa. Nasceu em Genebra 5 meses antes de voltarmos, em 1977. A Inaê é muito sensível. Neste ano entrou na primeira série e está muito contente. Gosta muito da escola. É disputada pelos colegas. Um dia perguntaram a uma amiguinha da classe o que gostaria de ser e ela respondeu: “gostaria de ser como a Inaê”, “de ter os lábios da Inaê”. Inaê foi operada com 4 anos do cerebelo e nos deu um grande susto. Ao acordar de uma cirurgia muito grave e não sabendo como se defender ao ter que ficar numa só posição durante alguns dias mexia a boca e gritava (baixinho) para a enfermeira: “Boba, chata, feia”.

Sou um pai comum de dois filhos ideais.

E nessa história que começa agora tem a mãe, Clarinha, com a qual fui casado durante doze anos e da qual, faz pouco tempo, estou separado. Permito-me ser mais breve, em relação a ela, do que deveria ser. Com toda a sinceridade, posso dizer que ela é a mãe ideal de nossos filhos. Sempre deu prioridade a eles. Ama-os intensamente. Foi a grande educadora da casa.

Sim. Ia esquecendo da Joselita, a Jô, há cinco anos *com* a gente, muito gente, crescendo com as crianças e nos fazendo crescer muito, o equilíbrio da casa, a “infra-estrutura” de todos nós. Nos momentos difíceis, ter ao lado alguém “neutro”, alegre como a Jô, é uma verdadeira graça.

Como ia dizendo acima, fui buscar a resposta à pergunta “o que é ser pai” com meus dois filhos ora apresentados. A resposta deles surpreendeu-me: “ser pai é ser você”.

E quem sou eu?

Falar dos outros é sempre mais fácil do que falar de si mesmo. Se fosse noutros tempos eu responderia: “sou um professor que escreveu alguns livros sobre educação”. Mas agora só posso dizer que sou o pai do Dimitri e da Inaê (e namorado da Rejane). Sou um pai enamorado. Sou exatamente isso. E pretendo, com a ajuda de meus filhos, buscar saber o que é SER PAI.

São Paulo, Dia dos Pais, 1984.

Primeira Parte

EM BUSCA DE UM REFERENCIAL

1

RAZÃO & EMOÇÃO: O Conflito da Paternidade

Preciso, inicialmente, fazer uma advertência ao leitor.

Essa *primeira parte* foi escrita depois dos capítulos da *segunda parte*. Isso porque mudei, no percurso, minha intenção inicial, de escrever apenas um relato pessoal, existencial, “deixando de lado” uma reflexão mais “globalizante” sobre a paternidade.

O leitor que desejar começar por uma leitura mais “existencial” poderá começar pelos capítulos da *segunda parte*.

O leitor “crítico” teria vantagem em começar pelo “Primeiro debate” ou pelo “Posfácio”.

Ao terminar de escrever os capítulos da segunda parte senti necessidade de ordenar *algumas referências* em torno do tema, buscando uma compreensão mais sintética e menos analítica. Aos poucos essas referências se enfeixaram em torno da relação entre o amor de nossos filhos e o amor por todas as crianças, *idéia-tese* destas reflexões.

1.1. Snyders & Rousseau

Em busca de algum referencial, o primeiro texto com o qual deparei foi o livro de Georges Snyders: *Não é Fácil Amar Nossos Filhos*.

Li com interesse o livro de Georges Snyders, em particular o último capítulo: “O marxismo ajuda-me a justificar o amor pelo meu filho”, tomando-o como ponto de partida da idéia-tese.

Os filhos de Snyders já são grandes, os meus, nem tanto.

Entretanto, temos em comum o fato de reconhecermos que nos temos ocupado muito pouco dos nossos filhos. A diferença está no fato de que até agora a questão não me ocupou a ponto de fazer um estudo histórico em profundidade como ele o fez.

Talvez eu me sinta mais culpado do que ele, talvez por isso mais fraco.

Assim, em vez de fazer um estudo da questão do amor dos pais pelos filhos, com intuito de derrubar um tabu, eu preferi conviver com ele. Snyders mantém uma distância enorme entre o estudo que faz dos filhos e os seus próprios filhos, os quais não chegamos a conhecer pelo seu livro.

Essa objetividade é impossível para mim. Em cada linha deste livro meus filhos estão presentes. Sem a sua presença viva teria sido impossível escrevê-lo.

O que me ficou da leitura de Snyders é que o amor pode ser justificado e que “a plenitude do amor pelo meu filho exige que eu alcance a confiança no futuro da coorte desses portadores de futuro” (p. 304), a certeza de que a oposição pai e filho, criança-adulto, família-sociedade, amor pelo meu filho e amor pelos outros, enfim, a dicotomia educador-educando, precisa ser superada.

É-me impossível escrever qualquer coisa sobre a minha relação com meus filhos sem me lembrar de algumas passagens dramáticas da vida e da obra de Jean-Jacques Rousseau. Alguns biógrafos de Rousseau como Michel Taunay afirmam que o fato de Rousseau ter abandonado

seus 5 filhos fez com que a vida toda fosse perseguido pelo remorso.

Isso jamais foi escondido por Rousseau. Sente-se a cada página de *Émile ou De L'Éducation* a presença de um pai apaixonado, querendo resgatar uma dívida impossível de ser resgatada.

Só um pai que abandonou seus filhos poderia escrever: “Um pai, que gera e sustenta seus filhos, só cumpre um terço de sua tarefa. À sua espécie, ele deve homens; à sociedade, ele deve homens sociáveis; ao Estado, ele deve cidadãos. Todo homem que pode pagar essa tríplice dívida e não o faz é culpável, e talvez seja muito mais culpável se a paga pela metade. Aquele que não pode assumir os deveres de pai não tem o direito de sê-lo. Não existe nem pobreza, nem trabalho nem respeito humano que o dispensem de criar seus filhos e de educá-los ele mesmo. Leitores, vocês podem me acreditar. Eu anuncio a todo aquele que tem entranhas e negligencia esses santos deveres que derramará lágrimas amargas durante muito tempo sobre sua falta, e jamais encontrará consolo” (p. 52).

Rousseau, que até o final da vida jamais pôde superar o remorso de sua “falta”, procurou, em vão, saber onde estava seu filho mais velho. Repetiu muitas vezes em seus escritos que era um “pai desnaturado”. O próprio *Émile* foi o fruto da “obsessão de sua falta”, como disse Michel Taunay na introdução.

Paradoxalmente o livro de Rousseau é até hoje um meio de conhecer a criança (toda a criança) e amá-la. Rousseau morreu atormentado pela idéia do abandono de seus filhos, em meio a freqüentes delírios.

Além de qualquer experiência comunitária de educação dos filhos permanece uma relação educadora profunda, não só ligada ao sentimento de um homem por um

homem, mas ligada a um interesse profundo que supera as individualidades, que está na origem da vida, o *interesse pela preservação da espécie humana*. É isso que faz a obra de Rousseau ser uma obra revolucionária. Rousseau, preceptor de crianças de pais ricos, abominava esses pais repetindo-lhes: “Alma venal! Crês que podes dar a teu filho um outro pai só porque tens dinheiro?” (p. 52).

Nada pode substituir a profunda relação entre pais e filhos. O pai só é pai quando cria seu filho na sua presença, de olhar para olhar, no contato epidérmico, na unidade e na oposição dos corpos, no tempo e no espaço da vida.

1.2. Objetividade impossível

Com a publicação destas reflexões pretendo dar audiência a um debate, dar uma pequena contribuição à *revalorização da infância* num momento em que ela anda esquecida.

De um lado, são os militantes progressistas que já não têm tempo para se preocupar com quem está mais próximo deles, preocupados que estão com o “destino da humanidade”. De outro, os conservadores preocupados com a acumulação do seu capital.

Confesso que a tarefa mais difícil na educação de meus filhos tem sido ensiná-los a serem livres, numa sociedade que ensina os filhos a possuírem objetos.

A minha preocupação com o Dimitri e a Inaê tem sido fazer com que eles cresçam amando a *liberdade* e não sejam possuídos pela *propriedade*.

Infelizes as crianças de hoje que são possuídas cada vez mais pelo desejo da posse, freneticamente incutido

pela televisão e por todos os meios de que dispõe o capitalismo.

“A burguesia educa, reforça e acalenta em sua prole o herdeiro, o futuro cidadão útil, confiável e consciente de sua casta. Os deserdados, em compensação, vêem primordialmente nos seus descendentes os futuros auxiliares, vingadores e liberadores” (Uilson Pereira, in Benjamin, 1984).

Educar um filho hoje é educá-lo para ser capitalista, burguês, ou para ser solidário com os deserdados, cimentando-se com eles para construir uma sociedade sem exploradores e, em consequência, sem explorados. Não há como fugir a essa contradição.

Estas reflexões representam, igualmente, para mim, um ato de *transgressão e rebeldia* em relação aos quatro livros que já publiquei sobre educação.

Este texto me parece muito mais difícil de escrever porque nele não posso evitar que entre em cena o “eu”. Não se trata mais de uma análise social da educação, de uma análise política, histórica ou filosófica. Não se trata mais de um “discurso engajado”, nem de um órfão imaginário como *Émile*, trata-se de uma relação amorosa marcada pela autenticidade.

Os intelectuais não dão muito valor aos temas óbvios, do cotidiano. A intelectualidade procura temas mais abstratos onde o “eu” pode ser abolido. O tema do presente livro não pode abolir o eu em toda a sua plenitude. Nem é esta a intenção do seu autor. É um “discurso amoroso” como diria Roland Barthes e como tal é um discurso falado por milhares de pessoas mas não é sustentado por ninguém. É um discurso abandonado, ignorado, depreciado e ironizado pelos intelectuais. Porque temos medo de falar de nós mesmos, preferimos os discursos acadêmicos,

nossas teses sobre o poder, o conhecimento, as ciências e as artes, evitando a primeira pessoa.

1.3. Rotina & Cotidiano

Insisti em um dos capítulos no problema da *cotidianidade*.

O cotidiano pode ser sufocante quando vivido mecanicamente (rotina), quando ele banaliza a nossa existência, mas é nele que podemos realizar uma existência autêntica, quando levamos a sério a conversa, a comunicação. É no cotidiano que podemos aprender a nos olhar, aprender a falar, a ouvir, a ver, a viver uma vida banal ou não. A banalidade está em não reconhecer o valor de cada instante, a só atribuímos valor aos grandes momentos, aos momentos “heróicos” da vida.

Tenho aprendido a dar valor ao cotidiano à medida que fui aprendendo que é nele que existe maior heroísmo. O heroísmo de repetir todos os dias o mesmo gesto; o heroísmo daqueles e daquelas que a cada dia precisam retomar sem cessar as mesmas tarefas em casa, na escola, na fábrica ou no campo. O culto das “grandes obras”, dos “momentos sublimes” é a testemunha de uma época em que a dominação pretende deixar todos os homens a meio caminho da humanidade. A esperança está justamente nas gerações novas, solidárias com os meus filhos e meus filhos solidários com elas, capazes de tomarem consciência dessa mistificação e de se organizarem solidariamente para superá-la.

Primeira tarefa de um pai é ensinar e aprender com seu filho a *solidariedade*, participar-lhe a esperança ao lado da angústia e do medo. Por isso é que precisa conversar e dividir tudo o que tem de si mesmo.

Na verdade, é por isso que o pai cuida tanto dos filhos quando estes cuidam dele. O pai não cuida do filho como um ser superior, mas cuida na igualdade.

1.4. Presença & Ausência

Falo também nas páginas que seguem da *presença* e da *ausência*.

Sei que existem hoje muitos pais que, absorvidos inteiramente pela profissão, acabam se distanciando dos filhos, mesmo morando sob o mesmo teto. Um dia acordam e se espantam ao verem seus filhos já crescidos. Não tenho uma “solução” para esse problema. Tentei apenas situar o problema num quadro histórico.

Não posso, entretanto, deixar de mencionar o tema da ausência. Foi a partir da vivência da ausência que me senti impulsionado a escrever, enfrentando a condição real de “pai separado”, de pai distante e com saudades. Essa pode ser a causa que me levou a compreender melhor a relação pai-filho.

Existe portanto neste trabalho um *plano existencial*, passivo, vivido, que suporta um outro plano que é o *plano intelectual*, este ativo e reflexivo. É como se o sofrimento fosse a origem da ação.

A dialética da negação é certamente, como pensava Hegel, o princípio motor e criador. A experiência negativa me fez aparecer o sentido mesmo da paternidade, me fez sentir melhor a necessidade de ser o pai que não sou. Foi na dúvida, na suspeita, na desconfiança e, por vezes, no desespero que aprendi a *ser pai*.

Roland Barthes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* nos ensina que a ausência amorosa só tem um senti-

do, e só pode ser dita a partir de quem fica e não de quem parte: *Eu*, sempre presente, só se constitui diante de *você* sempre ausente. Dizer ausência é, de início, estabelecer que o sujeito e o outro não podem trocar de lugar, é dizer: “Sou menos amado do que amo” (p. 27).

Eu não posso dizer que sou menos amado do que meus filhos me amam, nem posso sustentar que parti para longe deles se eles permanentemente estão perto de mim. Mas devo concordar com Barthes quando afirma que “só há ausência do outro porque sou eu que fico”.

1.5. Amor & Disciplina

Tentei também esboçar algumas idéias sobre o *amor e a disciplina*. Parece-me importante que num momento de “conciliação nacional”, num momento de cumplicidades ocultas, pudéssemos pensar uma relação de pai e filho onde se recusasse a cumplicidade. É difícil dizer “*não*”. A recusa, a rejeição, parecem distantes da relação pai e filho: os pais têm a tendência de dizer sempre “*sim*” a seus filhos. Isso me parece uma demissão. E demitir-se é propositadamente se tornar um ausente, um ausente repressivo.

Como disse no início desse capítulo, a primeira parte foi escrita por último. Acontece sempre comigo: escrevo e deixo “amadurecer” as idéias (algumas já não estão mais amadurecendo, mas “amarelando” no fundo dos armários).

Sou crítico em relação ao que escrevo. Estou sempre insatisfeito. Gostaria de jogar tudo fora e começar de novo. Sinto dificuldade de publicar as primeiras reações aos temas, as primeiras intuições. No caso presente, passaram-se apenas alguns meses. Mas esse tempo foi suficiente para assentar algumas teses.

1.6. Duas teses

Entre essas teses destaco *duas*, que se complementam.

A primeira é que vivemos um tempo em que a criança é vítima da crise geral da sociedade. A violência generalizada não perdoa a infância, quase sempre indefesa. Vivemos num país onde a massa da população é menor de idade, no entanto ela é postergada, utilizada como canal de exploração do adulto, ou simplesmente abandonada, quando se trata das classes subalternas; um país onde milhares de crianças morrem anualmente de fome.

Não se trata aqui de defender essa tese já sobejamente demonstrada por cientistas sociais, educadores, juristas, médicos, intelectuais e jornalistas. Trata-se de reafirmá-la, desde logo, pois sem essa referência não poderíamos entender hoje o amor dos pais pelos filhos.

A segunda tese é corolário da primeira: o sentido do amor entre pais e filhos tem uma dimensão histórica que ultrapassa a bipolaridade de dois seres humanos. E aqui concordo inteiramente com Snyders:

“a afeição, a confiança que deposito no meu filho, não passarão de coisas mesquinhas se eu não tiver confiança no conjunto da sua geração, se o amar, a ele, separadamente dos outros jovens — e, logo a seguir, contra os outros jovens. De resto, ele não aceitara que reconheça nele um valor que recuso aos seus companheiros; verá isso como parcialidade totalmente sentimental, logo decepcionante: ele sente-se, proclama-se solidário com a sua geração, reclama os direitos e o lugar da nova geração” (op. cit., p. 304).

Essa não é uma tese (a mais) a ser defendida academicamente. Não é algo que deva ser provado com argumentos, contra outros argumentos. Nem faz sentido. O que

faz sentido, pelo menos para mim, hoje, é buscar entender no meu cotidiano essa *ligação fundamental* entre meus filhos, a sua geração e todas as crianças. Mais do que a demonstração dessa tese, o que posso “mostrar” aqui são os seus *limites existenciais*.

Não há dúvida de que existirá sempre um conflito entre pais e filhos, que pode ser saudável ou pode levar ao antagonismo estéril ou, ainda, ficar num puro confronto sem superação, uma negação do outro, sem negação da negação. Mas que maravilha é observar que nesse embate a criança torna-se educadora e pai do seu pai e o pai torna-se filho do seu filho e os dois tornam-se cada vez mais homens.

2

AMOR & FAMÍLIA

O amor está tão inserido na família que só notamos a sua “presença” quando já não existe.

É um véu muito tênue, imperceptível, que dá vida à família.

2.1. Amar o amor

Mas o *amor* não é tudo e nem tudo pode. Há nele muita fantasia e ilusão. A ilusão amorosa é gerada pelo poder que tem o amor de esconder os *limites*, de derrubar as barreiras, força de derrubar e também construir outras barreiras.

A força da vida e do amor está na não-aceitação do inacabamento. O que o amor não pode ensinar é que todas as relações são transitórias como o próprio homem, ser transitório. O amor esconde (temporariamente) a luta íntima entre esse ser e a negação dele. O amor, a sexualidade e o casamento não representam qualquer saída para esse inacabamento.

O amor é tênue fio que nos une ao outro: qualquer coisa pode rompê-lo. Verdade-mentira, guerra-paz sucedem-se inexoravelmente. Acrescente-se a essa fragilidade psicológica a deterioração física (inexorável) e o quadro está completo.

“Não amo ninguém; amo o amor”, já nos ensinava Barthes. O amor precisa manter o outro à distância (paradoxalmente), mantê-lo distante para não se confundir com ele, não sufocar o outro.

Amar é manter esse tênue fio que nos une ao outro, reconhecendo nele *o outro* no qual deposito o meu amor. Para matar o amor (o meu) basta reduzir o outro a mim mesmo.

Só posso amar o outro enquanto ele estiver *fora* de mim, portanto na medida em que respeitar nele o caminho que fizer, mesmo que fizer esse caminho em direção contrária à do meu. Aliás, quanto mais o caminho dos amantes se aproximar tanto maior será o risco de curto-circuitar o amor, de destruí-lo. A dissolução de um no outro acarreta a destruição do amor.

E o que mais freqüentemente se nota na família é o *desamor*, que, como o amor, manifesta-se de mil maneiras.

Dois casos são particularmente conhecidos na literatura universal e colocam em questão a figura do “pai renegado”: Sartre e Kafka.

2.2. Sartre: o (des)amor que sufoca

Jean-Paul Sartre em *Les mots* nos apresenta um relato do seu primeiro contato com os livros e nos deixa também um testemunho da sua infância e da sua rejeição do pai.

As páginas 18 e 19 são particularmente reveladoras. Sartre alegra-se com a morte do pai:

“Ela me deu a liberdade, afirma ele. Não há bons pais, é essa a regra... Se tivesse vivido, o meu pai ter-se-ia deitado sobre mim com todo o seu comprimento e ter-me-ia esma-

gado. Felizmente ele morreu jovem... Gerar filhos nada há de melhor; *tê-los*, que iniquidade.”

Sartre confessa que com a morte do pai livrou-se de alucinações e de constantes pesadelos.

É provável que o amor dos pais pelos filhos seja um tabu, que o pai (e a mãe), ao proteger seus filhos, frequentemente os sufoque e, em vez de mostrar-lhes a vida, o que é amor, sufoquem, reprimam a vida; que, apesar dos pais, o amor brota em toda criança; é provável que o sentimento de posse, “iníquo” na expressão de Sartre, manifeste apenas um direito de propriedade da família burguesa, protetora da propriedade e conservadora do destino do ser humano; é provável que só o amor manifesto no olhar, uma afeição pura e simples, um sorriso, um carinho seja tudo que resta para *ser pai*.

É possível, até, que o amor acabe por sufocar a vida; ou talvez o amor implique também, contraditoriamente, o arbítrio, o conflito, a coerção e a submissão. Tudo isso é possível. Mas como substituir o amor se é só amando que podemos educar nossos filhos?

2.3. Kafka: o amor negado

O testemunho mais eloqüente da tragédia que pode constituir-se a relação frustrada entre pai e filho nos foi prestado por Franz Kafka na sua *Carta a meu pai* escrita em 1919, cinco anos antes de sua morte.

O pai de Kafka não chegou a receber a carta. Ele a encaminhou através de sua mãe e esta a devolveu, mais tarde, ao filho. Kafka tinha 36 anos, vividos na incomunicabilidade da família, tinha ainda medo do seu pai, que

o educou absorvido pelos seus negócios, crescendo num meio familiar carregado de autoritarismo, tensões e frustrações. As páginas de Kafka traduzem o desespero de quem tentou durante toda a vida comunicar-se com o seu pai, tentou em vão chamar-lhe a atenção.

Aqui o “amor” paterno está carregado de prepotência e também de desprezo e egoísmo, de um “tirano cujos direitos estão baseados na sua pessoa e não na razão” (p. 15).

Kafka não imputa toda a culpa a seu pai. Reconhece que ele também cometeu faltas. Raros foram os momentos em que pai e filho se aproximaram. Kafka tornou-se fechado em si, ansioso, indeciso, perdendo toda a confiança em si mesmo: “a gente se tornava uma criança carancuda, desatenta e desobediente, sempre com a intenção de fugir, principalmente para dentro de si mesmo” (p. 22). Os métodos utilizados pelo pai não eram a palmatória e a agressão física: a arma do pai de Kafka era a ironia, a difamação, a denegrição de tudo o que o filho gostava, a humilhação: “Não posso me lembrar de você ter abusado de mim diretamente e em termos abusivos baixos. Nem era isso necessário; você tinha tantos outros métodos...” (p. 20), “você espancava com as suas palavras sem qualquer dificuldade” (p. 16).

Mas o pai de Kafka não era sempre assim (nem se sabe como teria respondido à carta amargurada do filho). Kafka reconhece que o pai tinha “um jeito particularmente bonito e muito raro de sorrir silenciosa, alegre e aprovatoriamente, um jeito de sorrir que pode fazer completamente feliz a pessoa a quem ele se dirige” (p. 24). Mas acrescenta que em sua infância ele não se lembra disso ter acontecido com ele.

Não é preciso dizer que o relacionamento amoroso de Kafka foi totalmente prejudicado pela desastrosa relação

que manteve com o pai. O medo do pai e a insegurança o afugentaram do casamento. E sentindo-se culpado, Kafka escreve: “Há uma opinião de acordo com a qual o medo do casamento às vezes tem a sua origem num medo de que os filhos algum dia retribuiriam os pecados cometidos contra os próprios pais” (p. 53).

O autoritarismo paterno é multifacetado. A aproximação entre a família autoritária e o fascismo é frequentemente encontrada (cf. Canevacci, 1984). A passagem seguinte de Kafka nos lembra um trecho do filme “O Grande Ditador”, de Charles Chaplin, em que Hitler brinca com um globo terrestre: “Às vezes imagino o mapa do mundo espalhado e você estendido diagonalmente sobre ele. E sinto como se pudesse pensar em viver apenas naquelas regiões que não estejam cobertas por você ou estejam fora do seu alcance” (p. 52). Encontramos a mesma imagem em Sartre: pai e tirano podem conviver.

Um pai pode tornar-se um tirano. É um processo, evidentemente, motivado por circunstâncias nas quais está incluída a alienação do trabalho e o desejo de “vencer na vida”, um processo que se constrói ao longo dos anos, inconscientemente. Desaparece o amor. Tudo se transforma em manipulação, sedução ou constrangimentos. E quando esse método falha só resta a força física para reduzir o filho à nulidade.

2.4. A família em devir

Não se pode entender as crises do amor pai-filho sem referência a essa instituição em crise que é a *família*, microssistema de um macrossistema social.

Carl Rogers (1979), casado há mais de 50 anos, nos relata dezenas de casos de casais que buscam alternativas

para o casamento e a família. A conclusão a que chega é que ainda a concepção tradicional é a melhor, apesar de todos os seus defeitos.

Será possível outra forma de convivência familiar hoje?

Ao redor da *família burguesa*, fundada na desigualdade social, na divisão sexual do trabalho e na repressão sexual, gravitam numerosas formas de relações que facilitam a sua manutenção ao mesmo tempo em que dão certo ar de modernidade à hipocrisia e à mentira, mentiras que já se tornam verdades públicas e reconhecidas.

Será preciso manter o mistério e a discrição para que o amor e a sexualidade tenham valor? O que se espera da família de amanhã?

A dialética nos ensina que toda mudança implica a conservação de algum elemento anterior. Mudança não é aniquilamento. A forma atual da família será, certamente, superada, como toda instituição histórica. Novas relações de produção engendrarão nova sociedade e nova família, esperamos mais solidária; não a fonte de alienação (e de alucinações) que é hoje a família burguesa.

De hoje restará certamente o amor, fonte de vida, e o desejo de um relacionamento sadio e de uma doação sem peias, portanto, sem coerção, sem repressão. Se a história do homem é a história da sua liberdade, como pensava Hegel, então a família deixará de ser uma célula repressiva para ser uma célula libertadora: numa sociedade livre, fidelidade e sexualidade terão outro sentido.

Enquanto não se chega lá, temos que enfrentar a situação de hoje com a verdade. Apesar dos conflitos e das complicações que a *transparência* e a *comunicação* podem nos trazer, ainda é o único meio de fazer avançar a questão, ao contrário da moral burguesa que se funda-

menta na mentira, nas sombras e na escuridão neurótica da farsa social.

O problema, parece-me, não está em abolir o amor, a fidelidade, o casamento, mas em abolir tudo o que tente institucionalizar o amor, todas as formas institucionais que tentem assassinar a vida, abreviá-la, aboli-la.

É preciso abolir as formas de dominação, de sufocação do outro para estabelecer a liberdade, criá-la na forma de profundo respeito à vida do outro e à sua autodeterminação, e começar pelo esposa-esposo, companheira-companheiro, irmã-irmão, filha-filho, pai-mãe. Isso pode começar hoje: a espera da “era socialista” pode adiar *sine die* a mudança:

“o socialismo deve significar não tanto a abolição da família quanto a diversificação das relações socialmente conhecidas, que são hoje forçosa e rigidamente incluídas na família. Isso significa criar uma pluralidade de instituições na qual a família seja uma das formas possíveis, que não deve necessariamente ser abolida. Casais que vivem juntos ou não, relações de longa duração com filhos, pessoas que se ocupam com crianças, crianças socializadas por pais convencionais e não biológicos, comunidades biológicas extensas etc.: tudo isso pode ser compreendido numa série de instituições harmonizadas com a livre invenção e a variedade dos homens e das mulheres. Seria ilusório tentar especificar tais instituições idealistas e, pior ainda, estáticas. O socialismo será um processo de modificação e de devir. Uma imagem pré-fixada no futuro é anistórica no pior sentido da expressão: a forma que o socialismo irá assumir dependerá da forma do capitalismo que o precede e da natureza do seu colapso” (Metchell, in Canevacci, 1984, p. 51).

A universalização do trabalho produtivo, sob o capitalismo, torna os laços da família “tradicional” muito frágeis:

“na sociedade superorganizada, os pais — privados da possibilidade de exercer suas faculdades criativas, por causa da expropriação da profissionalidade resultante da divisão parcelar do trabalho (e da conseqüente alienação absoluta) — não cumprem mais nem sua tarefa humana (a presença efetiva) nem sua tarefa pedagógica (a educação para uma prática de vida). O trabalho na produção ou na administração pública faz com que em casa se fale apenas do tédio, das pequenas intrigas, das frustrações da vida de escritório e da carreira fracassada. O trabalho, de atividade criadora humana por excelência, reduziu progressivamente o trabalhador moderno a um apêndice da máquina ou a um seu controlador” (Canevacci, 1984, p. 236).

O pai, “provedor econômico”, é o reflexo da sociedade autoritária e da divisão social do trabalho — o autoritarismo *paterno* subsiste graças à submissão da *mãe*: a mulher encontra-se ainda na “doce dependência” da chantagem amorosa e o homem na incapacidade de superar a tradição que o coloca como “chefe” da família. Ambos submetem-se aos papéis que a sociedade lhes reserva, mesmo que isso lhes custe o amor. Como o demonstra Jürgen Habermas em sua tese de “Livre-Docência” (Habermas, p. 73), na família burguesa o pai, chefe da família, é ao mesmo tempo “proprietário de bens e de pessoas”.

Nas condições atuais, a *separação conjugal* (temporária ou definitiva) pode ser uma saudável saída, uma “nova forma de amor”, para ganhar novos espaços, fazer brotar mais fundo o amor, descobrir o que um casamento mal vivido encobriu.

O que pode ser gratificante numa separação é a descoberta de que somos capazes, ainda, de recomeçar, que temos ainda muito carinho. Numa separação pais e filhos

descobrem o que a proximidade escondia: quanto eles precisam uns dos outros.

Creio ser esta uma forma, sem desconhecer o quanto ela é dolorosa para todos, de os filhos *encontrarem* seus pais e mais rapidamente se apresentarem inteiros diante da vida.

Os filhos devem ter nos pais, pelo menos, um *ponto de referência*, não importando muito qual seja, para que possam reconhecer-se a si próprios. *Os filhos devem libertar-se por eles mesmos.*

Para os pais, os filhos são, como eles, elos da corrente humana, elos iguais, não havendo como estabelecer uma hierarquia (nem autoridade) pelo fato de uns terem nascido antes e outros terem nascido depois. Os filhos têm nos pais a experiência de um passado — o elo anterior — referência necessária para se auto-reconhecerem, porque não nascem homens mas assim se tornarão em confronto com os outros.

Os pais não precisam ser modelos nem “exercer” autoridade: talvez seja suficiente que dêem testemunho de um caminho vivido, nada mais, sem a certeza de que é um caminho que trilhariam (abririam) de novo. Isso não significa que os filhos não assumam seu pai de diferentes formas.

Para uns freqüentemente será um modelo a ser imitado, para outros poderá ser um adversário ou um inimigo a ser suprimido, poderá ser um companheiro, um auxiliar ou apenas um objeto à disposição, para ser utilizado de vez em quando.

Tudo isso faz parte da *paternidade* e do mesmo processo da vida, do crescimento desigual de cada um, em que um se afirma como pai e outro como filho. Mas apenas se afirmam na medida em que não se ignoram, na

medida em que não se sintam *sós*, mesmo separados. Os pais, por isso, *marcarão* seus filhos *sempre*, queiram ou não, mesmo os pais “ausentes” ou “fracos”.

Não há propriamente abandono ou desamparo: haverá sempre uma presença, apesar da distância ou dos poucos contatos físicos.

Evidentemente, *estar com* os filhos, na *presença*, testemunhar um caminho e mostrar horizontes possíveis, no dia-a-dia, quando possível, é o desejável, quando não, será necessário valorizar cada momento de contato, viver profunda e atenciosamente cada instante vivido junto.

A separação de um casal com filhos poderá tornar-se um grito de revolta para sair de uma situação em que a vida não desabrocha. Aquele que está insatisfeito é que deverá deixar o *lugar*, desequilibrar e procurar novo equilíbrio, é ele que deverá, mais do que o outro, suportar a dor de amor e assumir o risco de afastar-se dos que ama.

A separação, neste caso, em vez de ser um gesto egoísta é, ao contrário, um supremo *gesto de solidariedade*, de autenticidade, de amor.

2.5. O intelectual comprometido e a família

Tenho acompanhado de muito perto a vida familiar de alguns intelectuais e militantes políticos. O que já não me surpreende mais é a constatação da imensa distância entre as idéias apregoadas em relação ao comportamento social e humano em geral e a pobreza de realização pessoal desses ideais. na própria casa.

Não se pode, evidentemente, generalizar. Mas o que se pode generalizar é que essa questão não é levada comumente a sério, escamoteada pela chamada crise da família, do amor etc.

Georges Snyders é uma dessas pessoas que enfrentaram teoricamente a questão, rompendo com o tabu. A resposta de Snyders àqueles que dicotomizam a vida social da vida familiar é categórica: a militância progressista, a luta pela transformação da sociedade e o amor pelos meus filhos, a sua educação, não se opõem, mas se interpenetram dialeticamente. O amor pelos meus filhos ganha força e beleza com o amor por todas as crianças e, vice-versa, na medida em que cresce em mim a consciência da necessidade da transformação da sociedade, o engajamento na luta social, o amor pelo meu filho justifica-se plenamente e ganha novas dimensões: “há, realmente, um caminho que vai do amor pelo meu filho ao amor pelas crianças e ao amor pelos homens — e que acaba, ao mesmo tempo, por ser um amor mais sólido pelo meu filho” (Snyders, p. 305).

Não há uma escolha a fazer entre a família e a sociedade numa ótica revolucionária. Numa ótica burguesa e conservadora, crianças, mulheres, empregados, trabalhadores, o povo, são menores e, em consequência, não devem “meter-se” com questões dos “maiores”, dos “grandes”. A família passa apenas a ter um papel de sustentação da divisão que existe entre o social e o privado. O amor e a família passam para a esfera do privado. Numa ótica burguesa é perfeitamente admissível um pai com idéias “avançadas”, “revolucionário”, exercendo, em casa, o papel de “chefe de família”, de “patrão” para quem mulher e filhos são “menores”.

Não se pretende, com isso, insinuar que a consciência crítica se transmite hereditariamente, que o filho de Newton seja igual a Newton, que Péricles transmita a sua virtude guerreira a seus filhos. Antes, os filhos não podem ser iguais aos pais, mas sim ser eles mesmos. Entretanto, como justificar, em nome dos mais elevados ideais,

que os mais próximos sejam os mais distantes, que os próprios filhos, a mulher ou o esposo, sejam os “últimos a saber”? A *revolução* social não começa e não acaba conosco, mas é uma *revolução moral* do início ao fim.

Recentemente, comentando isso com amigos, uma militante política me objetava que isso era “coisa de sacristia”, que a luta política era uma guerra e que as regras da ética, a coerência em política só poderiam ser sustentadas por “espíritos ingênuos” e que em política “toda ingenuidade seria castigada”.

Posso concordar que não há lugar para ingenuidades em política, na militância. A classe trabalhadora, sobretudo, precisa estar alerta para as “coisas da sacristia”. Porém justamente para essa classe historicamente revolucionária, para uma revolução profunda, substancial, na sociedade (na nossa), ela necessita dessa ética. Para a classe trabalhadora o importante não é apenas vencer, o importante é levar a cabo a tarefa histórica de construção de uma *sociedade de iguais*, não uma igualdade formal, mas uma igualdade que garanta a possibilidade de desenvolvimento omnilateral de todos os indivíduos.

No *Manifesto de 1848*, Marx e Engels relatam que os comunistas eram acusados de quererem “abolir a família”, quando era a própria burguesia que forçava a dissolução da família proletária, instituindo-a à base da propriedade que os despossuídos e marginalizados não podiam ter. Eles eram acusados de querer quebrar os “vínculos sublimes” entre pais e filhos. Essas “declarações burguesas”, nos dizem Marx e Engels, “tornam-se cada vez mais repugnantes à medida que a ação da grande indústria destrói todos os laços familiares”.

O anseio dos trabalhadores por sua “casa própria” (econômica e politicamente explorado pela classe dominan-

te) reflete a *vontade política* de uma classe que deseja exercer um domínio que lhe é negado no local de trabalho. Um “em casa” é para o operário

“uma possibilidade de começar a pertencer a si próprio... uma razão suplementar para querer resistir... As alegrias da família constituem um estímulo e portanto um antídoto contra a submissão” (Snyders, p. 189).

O que Marx e Engels nos querem dizer não é que pais e filhos não precisam manter (no socialismo) laços amorosos “sublimes”, mas que esses “laços sublimes” são destruídos pela violência da exploração burguesa do trabalho. Nesse ponto, o *Manifesto* é uma proclamação ao amor entre pais e filhos e uma defesa da família, de *todas* as famílias.

O que é notável em Marx é essa coerência entre a teoria e a prática, essa ética que uma leitura positivista da sua obra procura esconder. Segundo Leandro Konder, Marx era “homem apegado à família”, “convivia muito com as filhas, contava-lhes histórias, saía com elas em longos passeios a pé”.

Marx não agüentou o sofrimento que lhe causou a morte da esposa. Em carta dirigida a Engels no dia 1º de março de 1882 Marx afirmava: “Você sabe que poucas pessoas detestam o patético-demonstrativo tanto como eu. Mas, aqui entre nós, eu lhe estaria mentindo se não confessasse que meu espírito vive atualmente em grande parte absorvido pela recordação de minha mulher, que foi a melhor parte de minha vida” (Konder, p. 181).

A saúde de Marx piorou, vindo a falecer no ano seguinte.

Segunda Parte

APRENDENDO A SER PAI COM MEUS FILHOS

3

PRESENÇA & AUSÊNCIA

O que mais revela a paternidade é a ausência dos filhos ou a sua perda. É o fato que faz um pai descobrir, com maior intensidade, o que é *ser pai*.

É certo que a relação pais e filhos é nutrida pela presença, pela reciprocidade, pelo olhar, pelos pequenos gestos, pelo cotidiano. Sendo a paternidade uma relação amorosa, ela tenderá a fenecer na medida em que ela não é nutrida de pequenos gestos que manifestem o amor.

Estar presente junto ao filho não significa comprar presentes, juntar-se fisicamente a ele, levá-lo para passear. Significa, muito mais, compreender o filho, respeitá-lo, e ser, para com ele, aberto, sincero e firme.

A relação de pais e filhos é uma relação dialética, isto é, uma *relação de unidade e de oposição* ao mesmo tempo. É uma relação contraditória, uma relação educadora. Se esta relação se reduzir à relação de oposição, esta ferirá a liberdade do filho e acentuará a autoridade (ou autoritarismo) do pai. Por outro lado, se ficar na pura unidade, esgota-se a autoridade do pai e o filho se sente abandonado, *sem pai*. No primeiro caso temos uma paternidade baseada na autoridade e no segundo caso temos uma paternidade ausente.

3.1. Uma relação dialética

“Até onde pode ir a autoridade do pai e até onde pode ir a liberdade do filho?”

Já temos escutado essa indagação e me parece que ela nasce da falta de compreensão dessa dialeticidade da relação pai e filho.

Vejamos.

A televisão é freqüentemente o pomo da discórdia entre pais e filhos. De um lado, por causa da programação e, de outro, porque ela incita ao consumismo e a criança é a principal vítima desse consumismo.

Com o Dimitri já conseguimos avançar muito, pois agora, com 11 anos, ele já entende que a televisão é “mentirosa”, que os brinquedos que anuncia não são tão bons quanto ela nos faz crer que são; que certos programas não divertem apenas, mas ensinam coisas que será preciso amanhã desaprender porque querem “fazer a nossa cabeça”.

A Inaê, entretanto, com 7 anos, ainda não conseguiu entender, apesar do Dimitri constantemente lhe ensinar que a televisão “mente”. É certamente uma questão de tempo e de insistência e sei que o Dimitri é muito insistente. Ele também há alguns anos atrás, quando via a propaganda de algum brinquedo na televisão insistia muito para comprar, mas hoje está justamente tentando convencer a Inaê de que não deve insistir.

Diante dessa luta contra a indústria de marketing na qual se transformou a televisão, educando para o consumo capitalista, o que fazer?

Tentamos, eu e Clarinha, explicar com paciência que se tratava, muitas vezes, de um engodo. Chegamos a mostrar no supermercado certos brinquedos com os quais a

televisão fazia milagres, e que na realidade só eram possíveis através de truques. Fora da televisão aqueles brinquedos não “funcionavam”. No início Dimitri queria comprar assim mesmo. Aos poucos ele percebeu que a televisão estava “mentindo”.

É preciso, entretanto, não se iludir pensando que a televisão é uma força maligna. Nada disso. A televisão explora a criança comercialmente porque ela satisfaz uma necessidade da criança. De nada adianta tentar pôr na cabeça da criança que a televisão irá prejudicar sua formação, deformar sua cabeça etc. É preciso que haja uma forma de substituir de maneira adequada o que o *industrialismo* oferece. E não basta “inventar” novos brinquedos, feitos em casa. Será preciso criar as condições, uma atmosfera, em que a criança se sinta inteiramente integrada e não sinta necessidade daqueles “brinquedos maravilhosos”. Uma imposição pura e simples, ditada por falta de recursos para comprar presentes ou por uma postura “educacional”, de nada adianta. Essas duas posturas são tão perniciosas quanto empanturrar os quartos das crianças de brinquedos.

Os brinquedos são, muitas vezes, um álibi para justificar a ausência dos pais, para “livrar-se” dos filhos, para mantê-los ocupados. E a própria televisão é o mais destacado desses brinquedos. Dela ainda voltarei a falar.

O que nos interessa agora é *como conciliar* essa disputa entre as necessidades dos pais e as necessidades dos filhos. O que faço é apenas relatar como eu faço, sem querer servir de exemplo. Como já disse, mais do que um modelo a ser imitado, um pai educador deverá apenas testemunhar como faz para fazer melhor e não para ser imitado.

Não posso dizer que tenha conciliado muito com os meus filhos. Tenho tentado explicitar e muitas vezes tem sido em vão. Nestes casos tenho “usado da autoridade”, como dizem. Tenho feito prevalecer minha posição. E não é fácil fazer prevalecer nossa posição, sobretudo quando a gente tem filhos muito amorosos. Eles “cantam” a gente, se agarram, fazem “chantagem emocional”, como costumam dizer ao Dimitri. Insistem, insistem... E eu argumento, argumento... e muitas vezes de nada adianta.

Nestes casos não posso dizer que existe uma lógica a seguir. Tento, contudo, deixar de lado meu estado emocional (quase sempre fracasso), tento deixar de lado minhas preocupações com o PT, com a Fundação Wilson Pinheiro, com a Secretaria da Educação, com minhas aulas. Frequentemente é em vão.

Não há como conciliar interesses antagônicos. Não há muita lógica a seguir. Confesso que tenho sido um péssimo pai em relação à conciliação, sobretudo em relação ao trabalho e à educação dos filhos.

3.2. Transitoriedade

Se não existe uma lógica, será preciso criar uma. É preciso dividir o tempo entre a profissão e os filhos. Não existem desculpas para isso. O casal precisa realmente entender-se para isso. A relação de paternidade tem sua sustentação também na mãe. Se um casal não se entende não existe chance alguma para que uma relação pai e filho possa evoluir adequadamente. Nestes casos *a separação* (temporária ou definitiva) só pode aproximar mais pais e filhos. Ela é benéfica nesse sentido.

A partir da separação um horário é preestabelecido. Os momentos em que o pai se encontra com os filhos é agendado e esperado ansiosamente por pais e filhos. O encontro torna-se amoroso, educativo, humano. Mas isso, creio, deve ser exceção e não regra. A regra é a união de filhos com os pais juntos e não separados.

Eu que passei pelas duas experiências relato apenas o que sou, opinando sobre o que sou enquanto pai, tentando compreender e ser melhor. O que posso dizer é que hoje separado sou melhor pai, compreendo melhor o que é ser pai. Não encaro a separação como tragédia. Pelo contrário, encaro-a como um novo começo, como uma nova chance de ser feliz, como uma possibilidade de ser melhor enquanto homem, de me realizar melhor como pai, como esposo, namorado, como gente.

Costuma-se dizer que só descobrimos o valor de uma coisa quando a perdemos. É verdade. Todavia é também verdade que sempre estamos perdendo o mundo, as coisas, os parentes, os amigos, os companheiros. Tudo. A vida é uma constante perda, uma seqüência de perdas, de ausências, de despedidas. Não vejo nisso nada de trágico. Pois a vida proporciona novas presenças, novos ganhos, novos companheiros, novos amigos, mesmo sabendo que tudo é passageiro, que um dia tudo acaba.

Há uma perspectiva da morte (esta sim é trágica) ao falar da vida, dos filhos, das crianças. O que é trágico é certamente tentar ocultar essa perspectiva da eternidade, da sucessão, da mudança de tudo o que é material e humano. A dialética do movimento e da história não nos torna trágicos, mas, isto sim, nos torna mais humanos, mais integrados com a vida, muito mais vividos e compreendendo a vida.

Como podemos ensinar nossos filhos e aprender com eles se não estamos abertos para a vida e se não compreendemos esse sentido transitório da vida?

É diante dessa transitoriedade da vida que podemos entender o tema da ausência e da presença entre pais e filhos.

Se nosso tempo e espaço são transitórios, o que fazer com essa autoridade dos pais e com essa liberdade dos filhos?

3.3. Dialética do velho e do novo

De um lado os filhos representam o que há de novo, eles estão ganhando o que nós estamos perdendo. O sentido histórico da vida, a transitoriedade, nos mostra claramente que eles “apreendem” o mundo, assimilam-no para transformá-lo e não para reproduzi-lo.

Eles são passado e futuro, como nós pais também. A vida só acaba para nós quando desertamos dela, quando deixamos de amar, quando renunciamos à felicidade. Sem assumirmos que precisamos ser felizes, ser livres para amar, não podemos educar nossos filhos para a felicidade.

Um pai infeliz não pode criar um filho feliz. Neste caso, o filho será feliz apenas na medida em que se separar do pai infeliz. Quanto mais feliz e realizado for o pai, mais condições terá de educar seu filho.

Essa felicidade está condicionada por um mínimo de tranqüilidade econômica (difícil num tempo de crise e de exploração do trabalho, como hoje neste país), mas ela não é suficiente. Se ela fosse suficiente bastaria ser rico para ser educado e freqüentemente é o contrário.

As classes populares se preocupam mais com a educação de seus filhos do que as classes abastadas e exploradoras. Tento, contudo, não reduzir a educação a uma pura ótica de classe. Existem coisas que não podem ser reduzidas a uma ótica de classe, como o nascimento, o amor, a morte. São coisas que temos que enfrentar sozinhos e são coisas importantes, ninguém o nega.

As crianças representam a possibilidade de *começar tudo de novo*. Esse sentido deverá orientar a autoridade do pai.

Negociar o nascimento do novo sem pretender destruir inteiramente o velho. Fazer ver essa passagem. A ruptura com o pai existirá mais cedo ou mais tarde. É uma questão de tempo. O pai deverá estar preparado para isso. Poderá vir repentinamente ou de mansinho. Mas virá. Faz parte de uma despedida na qual o pai não é propriamente “morto” pelo filho, como disse Freud, mas é assumido de outra maneira. Se essa ruptura não existir ou acontecer muito tardiamente, o pai terá fracassado diante de sua tarefa de pai. A *ausência* do pai chegará. A *ruptura* com o filho chegará. A *renúncia* chegará.

Dentro do pai trava-se o conflito dessa transitoriedade, dessa historicidade.

Ao pai fiel, ao “pai pai”, ao pai que deseja continuar pai do jeitinho que era pai, ser pai de outro modo é difícil; é difícil transitar do pai da autoridade máxima da concepção e do nascimento, ao pai que cede lugar, aos poucos, à ausência de qualquer autoridade. Esse é o *conflito do pai*. O *confronto e a luta interna do pai onde vencer é perder*. É um confronto que irá terminar com o necessário “adeus” do filho. E o pai sabe que o filho lhe dirá adeus, que esse adeus é apenas o primeiro de uma série.

Esse adeus o pai irá aceitá-lo livremente, porque o assumiu embora com dor, com a dor do amor, ou será feito um dia, violentamente, mas não poderá ser evitado. Ao conceber o filho nenhum pai pensa neste adeus. Seria mórbido, certamente. Mas ele estava presente desde a concepção.

A morte é encarada como tragédia, como assassinato, como alguma coisa incompreensível. Ela é certamente tudo isso e mais ainda. Por isso tentamos não tematizá-la, tentamos esquecê-la. Toda a sociedade moderna tenta, por todos os meios, isolá-la do convívio com a vida. Inutilmente, porque a vida segue inexoravelmente e novas vidas estão vindo, e neste movimento perpétuo nos encontramos assumindo a vida e fazendo com que as novas vidas sejam mais felizes. Há um sentido histórico que nos faz compreender o que é a vida e como, no caso da paternidade, *a vida do filho continua a do pai*, continua a própria história do pai.

Não há como evitar esse tema, se desejarmos compreender historicamente a paternidade.

O que vejo é que em cada pequena disputa entre pais e filhos esse sentido da vida, mais abrangente, está subentendido. Pequenas disputas são o reflexo de uma luta mais ampla que se trava no inconsciente do pai e do filho. É uma luta entre vida e morte, entre passado e futuro. É uma *luta entre o velho e o novo*. Essa luta se trava tanto no pai como no filho. Não é uma luta onde o pai representa o velho e o filho o novo. Não. Em ambos trava-se essa luta do velho e do novo. O que é específico é que no pai a perda do velho é mais difícil do que no filho. O filho não está mais aberto para o novo do que o pai. É um engano dizer que os filhos são mais “avançados” do que os pais. Apenas as escolhas dos filhos são menores do que

as dos pais. Em termos de escolhas os pais estariam mais “avançados” do que os filhos. Os pais são mais ingênuos apenas porque tiveram mais tempo para acumular maior número de ingenuidades.

3.4. Conversar sobre os filhos

Propus-me a escrever sobre o tema da paternidade sem fazer qualquer pesquisa, embora a tentação seja buscar sempre fontes na experiência dos outros, buscar estudos sobre o comportamento social de outros povos, enfim, um referencial teórico. Existe uma tentação antropológica, de um lado, que me faria buscar compreender o tema através do passado, talvez devesse ler Margareth Mead, talvez devesse me instruir junto à sociologia ou junto à psicologia.

Na medida do possível, contudo, tentarei fazer um relato bastante humano e existencial, deixando de lado toda e qualquer influência de “teóricos” do assunto. Como não pretendo fazer generalizações, como não pretendo nenhuma “cientificidade” nos meus relatos e nas minhas reflexões, buscarei evitar qualquer referência teórica, embora acreditando que ela certamente está subjacente, pela carga de leitura que minha profissão exigiu até hoje.

O que acontece comigo nas minhas relações com os filhos é que vejo essa luta travar-se constantemente. E muitas vezes é preciso *decidir no escuro*. Ninguém nos ilumina ao tomarmos uma decisão de seguir nossa vontade (e temos meios de impô-la, seja racionalmente, seja fisicamente) ou de aceitar a decisão do filho. As experiências positivas ou negativas vão se sucedendo. O que importa, sempre, não é tanto que a experiência do rela-

cionamento entre pais e filhos tenha sido bem-sucedida: o que importa é que ela seja refletida com os filhos quando estes podem acompanhar a reflexão e que o casal reflita sobre seu relacionamento com os filhos.

Eu e Clarinha muitas vezes tivemos pontos de vista conflitantes na educação do Dimitri e da Inaê.

Sempre que procuramos conversar para solucionar esses pontos de vista obtivemos bons resultados. Todas as vezes que tentamos fugir da conversa, obtivemos resultados frustrantes ou acabamos nos criando problemas. Conversar sobre os filhos deve ser uma obrigação diária de um casal. Afinal, no meu entender, o casamento só se realiza plenamente com a educação dos filhos.

Como diz Hegel na *Filosofia do Direito*, o amor só adquire uma existência objetiva no filho; antes disso é apenas uma disposição interna, uma inclinação de um ser para outro, sujeita a toda sorte de incertezas.

3.5. "Amor plural"

Os pais podem separar-se. Podem viver felizes com novas uniões. Podem ter excelente relacionamento após a separação.

A separação não é uma tragédia. Ao contrário, pode trazer grande felicidade, inclusive para os filhos, mas a relação entre pais e filhos é uma realidade inquestionável.

Na separação algo permanece indissolúvel: é a paternidade e a maternidade.

Vivemos ainda na pré-história do homem, que nos faz infelizes porque não vislumbramos outra forma de casamento senão a forma atual, pervertida por uma concepção capitalista. Nesta forma os próprios filhos "são" dos pais.

Nada mais infeliz do que “ter” filhos, do que “possuí-los”. Essa forma capitalista de “ter” filhos é a causa da tragédia de muitas famílias. A propriedade dos filhos nada tem a ver com o amor que deu origem e concebeu um filho e que deve continuar na sua formação e até a morte.

O amor é um só. Acontece com a relação pais e filhos o que acontece com o amor entre homem e mulher, entre os próprios pais. Na verdade, amamos a vida, amamos nós mesmos. Não há nada de egoísmo nisso, em amar a vida e “não ter vergonha de ser feliz”.

Amamos a nós mesmos na namorada, na mulher, no filho. Não perdemos o amor ao deixar de amar esta mulher ou aquele homem. Amamos a nós mesmos, a vida, a existência. O amor que temos dentro de nós é “plural”, como dizia Maria Lacerda de Moura.

Podemos amar muitos filhos sem jamais dividir o amor. *O amor não se soma nem se divide.* É um só, “exteriorizado” de mil formas, com o colorido e a variedade da própria vida.

Amar os filhos nada tem a ver com tomar posse deles. A posse dos filhos, o ciúme dos filhos, representa uma relação mórbida em que existe carência de amor, de afetividade, de renúncia do próprio amor. Os filhos “possuídos” serão filhos infelizes, escravos da falta de amor.

Sob a forma capitalista de viver, em que as relações mais íntimas e mais humanas são invadidas pelas formas das relações capitalistas de propriedade e lucro, a relação entre pais e filhos é extremamente complicada. Ser pai hoje deve ser muito mais difícil do que amanhã, quando, esperamos, as atuais relações de posse serão superadas. Ser pai hoje é enfrentar essa crise. As sociedades em que existem relações de produção que superaram parcialmente

as relações capitalistas não se encontram em melhores condições do que nós. Não é, por isso, o fator exclusivo.

Provavelmente serão necessários muitos séculos para que sejam encontradas formas de vivência em que o amor tenha condições de se manifestar em sua plenitude. Talvez não se chegue mesmo a essa plenitude e tenhamos que nos contentar sempre em ficar a meio caminho da felicidade. Talvez. Mas é preciso manter a esperança e caminhar e *buscar novas formas de amor*. Estar atentos às suas mínimas manifestações.

* * *

Presente ou ausente, o pai funda suas relações com o filho no amor que deu origem ao filho. A própria autoridade invocada sempre para justificar as atitudes mais severas do pai só tem sentido quando fundada no amor. A própria ausência, quando existe o amor, torna-se uma forma de estar presente, uma forma sensível, que permeia a lembrança e que se torna saudade.

É bom ter saudades dos filhos. É bom ter saudades dos pais. É preciso ter saudades sem ter nostalgia. As saudades são amorosas, de um amor livre. A nostalgia é fruto de um amor doentio, de um amor-posse, fruto da propriedade. Assim como existe uma propriedade dos filhos pelos pais existe também a tendência dos filhos possuírem os pais.

4

COTIDIANO & ROTINA

Dizem que a rotina é o túmulo do amor (embora alguns insistam também que esse túmulo é o casamento).

Gostaria de distinguir aqui a *cotidianidade* da *rotina*.

A *rotina* é a repetição mecânica de atos cujo sentido não é questionado: o fazer por fazer. A *cotidianidade* não é a pura repetição automática de gestos, palavras e ações, é a busca de um lugar, de um espaço conhecido de um “lar”, um “em casa”, um “para si”, poder-se-ia dizer.

Aqui eu habito, aqui eu estou. É impossível ser um “cidadão do mundo” habitando em *nenhum lugar*. É *preciso ter um lugar*, um ponto de referência, um “cantinho” s meu.

Em torno desse “cantinho” forma-se o cotidiano que se renova sempre, que tem sempre um novo sentido. Um lugar de repouso e ao mesmo tempo de busca de novos lugares.

4.1. Prazer & Vontade de poder

A vida moderna tem habituado (notadamente a classe média) muita gente a percorrer grandes rodovias da vida que “não levam a nenhum lugar” (Heidegger). Elas se entrecruzam, em trevos, cruzamentos, prolongamentos,

acostamentos, rampas de acesso, lombadas, declives e aclives, curvas e retas... mas nunca terminam, não chegam a lugar algum.

Não há descanso nessas longas e largas rodovias em que ninguém se encontra. Todos estamos cheios de nos ver (à distância) pelas janelas de ônibus, metrô, trens, carros. As pequenas estradas, as picadas (os “varadouros” como dizem os acreanos) são poucas; cada vez menos encontramos gente disposta a abri-las. Mas são essas pequenas estradas, não asfaltadas, que chegam a algum lugar, que terminam diante da porta de alguma casa, de um lugar onde alguém mora, onde habita alguém.

— Se não é possível voltar atrás e se a nostalgia apenas nos destrói, onde buscar a saída para a vivência de um cotidiano que não se transforme em rotina e automatismo?

A moderna indústria do amor, com seus clubes privados e seus hotéis, tem buscado saídas para a solidão do casamento sem amor ou da repressão dos sentimentos mais puros, de mil formas.

A *busca do prazer* ou da *vontade de poder* tem sido a saída da monotonia da rotina. Novas sensações, a velocidade, o prazer, o êxtase, a música também, os jogos eletrônicos... A satisfação na busca do prazer para uma classe média sem saídas revolucionárias.

Todas essas saídas têm como ponto de referência o consumo, o desperdício e o excesso. Em maior escala na burguesia e nos países ricos e em menor escala na classe média que intercala o trabalho com o prazer e com o desejo de se tornar classe dominante burguesa.

A *família*, nesse contexto burguês, só tem um significado econômico. O sentimento é sufocado pela recompensa. A educação reduz-se ao prêmio ou castigo em fun-

ção dos valores que a própria burguesia instituiu. Os filhos são premiados quando obtêm melhores notas que os outros (competição), quando conseguem o primeiro lugar: *vencer é o objetivo*. O sucesso é premiado, o insucesso é rejeitado.

4.2. A indesejável criança

Como se comporta um pai neste contexto?

Gostaria de relatar a vida de um pai no dia-a-dia.

De segunda a sexta: o trabalho, o “ganha-pão”. E meio dia de sábado também, para a grande maioria.

O tempo livre é dedicado à televisão. Só se conversa com os filhos o necessário para que a ordem não seja perturbada: escola, notas, lições, deveres de casa. Quando a criança é menor e acorda os pais durante a noite e a empregada (quando existe) não toma conta, o bom humor da casa acaba.

A *criança* é a grande indesejada. Atrapalha a rotina, o ritmo. Ela interrompe o trabalho ou a televisão (o tempo de trabalho e/ou o tempo livre). Não há tempo para a criança. A criança é um ente não planejado na vida moderna de trabalho. O espaço da criança da cidade limita-se ao apartamento ou à casa de periferia. O BNH não prevê o espaço para a criança. Os menores são apenas tolerados (como os velhos), porque não produzem. Só os jovens e adultos é que têm lugar, pois são o principal item do consumo. A criança é lembrada apenas no Dia da Criança ou no Dia dos Pais ou nos muitos “dias” de festa em que elas são consideradas como *motor do consumo*. Os pais também são vítimas de seus filhos nesses dias em que seus filhos passam a ser a mediação entre eles e o supermercado.

Minha primeira atitude diante do espaço social no qual estou envolvido foi dizer “não”.

Aos poucos fui percebendo que não bastava. Se dizia “não” à televisão (passamos uns seis meses sem televisão) meu Dimitri acabava vendo televisão no vizinho. Comprei uma televisão preto e branco. Não demorou e o Dimitri exigia uma televisão em cores. Afinal, os vizinhos tinham televisão em cores. Acabamos comprando, a prestação, uma televisão em cores.

A televisão mudou muito o ambiente. Depois da televisão em cores o Dimitri poderia dizer ao apresentar alguém: eis minha família: minha irmã Inaê (que não assiste à televisão), meu pai, minha mãe e meu terceiro pai: a televisão.

O duro foi negociar o programa “Os Trapalhões” de domingo com algum programa da TV Cultura!

Felizmente moramos na Cidade Universitária de Campinas, onde existe muito espaço para as crianças andarem de bicicleta e também as quadras, campos de esportes da UNICAMP. Podemos deixar a televisão de lado e passear.

4.3. Caminhar juntos

A Inaê gosta muito de flores.

Voltando do trabalho, no final da tarde, meu lazer favorito era colher flores com a Inaê.

Inaê sempre dizia: “essas são para a mamãe”; “essas são para a Jô”.

Uma alternativa à televisão podem ser os passeios a pé. As crianças adoram isso.

Os gregos gostavam muito e tinham muito ambiente para isso. Talvez seja um gosto muito pessoal. Entretan-

to, gosto muito de andar a pé, de caminhar falando e falando sério. Para mim, é o momento em que coloco as idéias no lugar, dialogo, procuro entender as outras pessoas, procuro conhecê-las e amá-las. *Um amor sem caminhada é tempo perdido*. Acredito que todo amor seja sustentado por algumas caminhadas.

O Dimitri gostava muito de jogar com seus brinquedos ao retornar da aula. Por isso perdia muitas das nossas caminhadas. Todas elas terminavam com um buquê de flores para a Clarinha e para a Jô. Foi uma alternativa à televisão.

Aos domingos tínhamos o futebol, o basquete nas quadras. Gostaria de ter dedicado mais tempo ao Dimitri. Talvez ele jogasse melhor hoje se eu o tivesse treinado mais. Não espero “fazer” dele um jogador de futebol, mas, se eu o tivesse preparado melhor nos dribles ou no gol, ele se sentiria mais seguro hoje ao enfrentar seus adversários em campo.

A resistência aos vídeo-games não durou muito. Notamos que Dimitri estava sempre na casa do seu amigo Rodrigo. Existiam muitas causas que contribuía para essa situação. De um lado eu estava viajando muito e, aos sábados e domingos, a atividade política junto ao PT (sobretudo no ano eleitoral de 1982) ou junto à Fundação Wilson Pinheiro, ou, ainda, quando corrigia trabalhos dos alunos e escrevia algum texto. A atividade política ou profissional me desviava muito de meu convívio junto ao Dimitri e à Inaê, sem contar que também me afastava de sua mãe. Mas a piscina do vizinho e o seu vídeo-game também contribuía eficazmente para afastar Dimitri de casa. A amizade pelo Rodrigo, entretanto, é incontestável. Acredito que a amizade jovem é a coisa mais importante que ocorre com um menino da idade do Dimitri. Guardo

de meus amigos, principalmente do Mauro Ângelo Lenzi, uma amizade imorredoura. Ela nasceu nesta idade. *Amigos são tão importantes quanto os pais.**

4.4. O meio hostil

O *industrialismo* moderno tenta preencher todo o cotidiano da criança e sua convivência com os pais. Entretanto, seria ingênuo pensar em “voltar atrás” para “recuperar os valores” da sociedade tradicional na qual foram educados os adultos e seus pais.

Ouve-se freqüentemente dizer “no meu tempo, na minha época não era assim...”, uma certa nostalgia de um “paraíso perdido” onde as crianças fabricavam elas mesmas seus brinquedos, onde os pais ficavam mais tempo com os filhos.

Alguns pais “intelectuais” gostariam de voltar a uma “natureza perdida”, de viver um meio social e cultural que já não existe. Muitos conflitos nascem justamente dessa “desatualização” do meio moderno. Evidentemente, tenho consciência de estar falando de uma experiência pessoal (de classe média) e, além disso, estou relatando a experiência de filhos que tenho e que ainda são meninos.

Quando forem adolescentes, ou mesmo adultos, deverei escrever este livro de outra forma. Esse livro é certamente datado, muito datado. É minha experiência de hoje.

* Várias vezes Dimitri e Inaê insistiram para que eu mencionasse no “nosso” livro o nome dos seus amigos. Até recebi uma lista. A Inaê colocou duas Mônicas, a Xuxa, a Gaby, a Ana Carolina, a Janaína, a Ingrid e a Ana Cristina. O Dimitri lembrou o Rodrigo (I e II), Marco, Albert, Fábio, Danilo e Júlio.

O contexto é determinante na relação com os filhos: o contexto social, o contexto econômico, o contexto cultural e político e também o contexto geográfico. É diferente a vida de uma criança num apartamento e a vida de uma criança num bairro afastado e que dispõe de maior espaço físico. A adaptação ao meio é importante. Não significa, porém, “acomodação”. Podemos ser adaptados e, ao mesmo tempo, lutar para transformar o meio. A acomodação sugere a idéia de uma submissão pura e simples.

O meio educacional da criança hoje é muito hostil e, certamente, mais hostil para as classes populares. A luta contra esse meio dominado (na classe média) pelos meios técnico-eletrônicos é inglória se for enfrentada solitariamente. A troca de informações com vizinhos e amigos é necessária. A associação de bairro, os pequenos clubes de mães, os encontros informais entre famílias que têm filhos da mesma idade, em clubes, em sítios, em escolas, em centros comunitários etc. facilita essa luta comum. Cada vez mais a *educação comunitária* representa a saída coletiva para os problemas que as crises econômicas e sociais de hoje provocam. A família é pega no centro dessa crise e a corda arrebenta onde é mais fraca: quem suporta os efeitos da crise são as crianças.

4.5. A geração insegura

Uma das coisas que mais me preocupam hoje é a insegurança em que vive a infância. Estamos criando uma *geração insegura*. Uma geração que tem medo do “dia seguinte”. Temos medo da bomba atômica num país que sequer chegou à galáxia de Gutemberg, que sequer che-

gou a assimilar a cultura letrada. Nossas crianças já antevêm o problema do desemprego, já falam em recessão. As primeiras palavras que aprendem são “crise”, “miséria”, “fome”. Vivem já a filosofia de Murphy: “sorria, amanhã será pior”.

Para essa insegurança contribui outro fator decisivo: a *instabilidade do casamento*. Evidentemente, meu ponto de vista é o de um “pai separado”, e aqui o contexto se agrava consideravelmente. Neste caso, a insegurança é agravada pela sensação de perda e existe uma perda real, embora existam também seus pontos positivos.

É com algumas considerações acerca desse assunto que desejo terminar esse capítulo.

A maneira que encontramos (eu e Clarinha) de não aumentar a insegurança do Dimitri e da Inaê foi de não separá-los de sua casa. Assim, se alguém tinha que sair, tinha de “abandonar” a casa, esse seria eu, pois as crianças ficaram com a mãe. Evitamos que as crianças tivessem que enfrentar uma nova escola, novo lugar para morar, novos amigos.

Essa decisão foi importante na medida em que assegurou para as crianças e para a mãe uma certa continuidade na descontinuidade, uma continuidade na diferença. A mudança que provoca uma separação é certamente muito menos perceptível se os filhos continuam morando na mesma casa e freqüentando os mesmos amigos.

Se os pais enfrentam a separação sem traumas, sem grandes desesperos: não há por que “esquecer” o que são e o que foram. É importante para os filhos que continuem com os mesmos amigos, quando isso é possível.

O problema da separação de um casal e menos a própria separação do que o julgamento que a sociedade faz, e esse julgamento é ainda mais grave para a mulher que

se separa. E como sempre os mais prejudicados são os próprios filhos e mais prejudicados ainda se são menores.

4.6. Quando é preciso perder...

A *sensação de perda*, a insegurança que os filhos têm não se manifesta apenas quando um casal se separa. Manifesta-se também quando os pais deixam de se amar. Casamento sem amor não tem sentido. Será preciso buscar novas formas de casamento para que o amor tenha espaço. Viver sem amor não tem sentido. Viver sem amor é não viver, é vegetar. E viver sem amor, casado, é ainda pior. O amor é o primeiro fundamento da educação familiar. É muito pior para a educação dos filhos um casamento sem amor do que a separação.

Se os pais se separam sem traumas, os filhos não sofrem tanto. Perguntei certo dia ao Dimitri: “se eu e a Clarinha nos separássemos, o que você acharia?” Ele me respondeu que se nós quiséssemos nos separar isso dependeria apenas de nós. Ele achava que nós éramos pais muito amorosos e que se nos separássemos certamente deixaria de ser amado por dois para ser amado por quatro. Era uma vantagem. E acrescentou: no aniversário ganharia presente de “quatro pais”. Dimitri tinha 10 anos. Mais tarde ele descobrirá que não é bem isso: só temos um pai e uma mãe na vida.

Os filhos sentem muito a separação. Não sabem como poderia ser a alternativa ao casamento atual, mas também não o aprovam quando este está baseado na propriedade privada e quando não favorece uma convivência amorosa.

O Dimitri e a Inaê compensaram a falta de segurança da *separação* com a *união*, a solidariedade entre eles.

Nunca os vi tão unidos. Nunca os vi tão solidários, tão amáveis entre si. O Dimitri e a Inaê descobriram que eram “irmãos”, plenamente, quando nos separamos. Foi a compensação que encontraram pela falta de segurança que a separação lhes proporcionou. Por outro lado, o que tenho estranhado é que eles não nos pressionaram para ficarmos juntos, embora sentissem muito. Eles encararam a separação como um tipo de relação possível e, no nosso caso, necessária.

Não pretendo dar conselhos a ninguém, mas posso dizer que fomos muito felizes em jamais nada ocultar diante dos filhos, em sermos leais e transparentes, em sermos até, muitas vezes, cruamente objetivos. As crianças precisam saber, com muita clareza, o tipo de vida que terão. Em qualquer idade. *A verdade não tem idade.* Os pais freqüentemente subestimam a capacidade de compreensão da vida que os filhos menores têm. Eles são mais “vivos” do que pensamos. Eles entendem melhor as “coisas” do que imaginamos. Para superar o sentimento de perda e de insegurança que fatalmente os filhos têm com a separação, só a *verdade* e a *clareza* e, sobretudo, muito *amor*.

Eles precisam ter absoluta certeza de que continuarão a ser amados, ou melhor, eles precisam ter a absoluta certeza de que serão amados ainda mais após a separação.

O medo do futuro, o medo do desconhecido, podem castrar a criança. Isso é válido tanto para os pais que estão juntos no casamento como para os que estão separados.

A mágoa, a saudade, a descrença, a raiva, a insegurança, o ressentimento, o desamor, são situações do cotidiano da vida humana em geral e não apenas dos filhos de pais separados. Mas quando se trata de pais separados a sociedade os julga muito mais severamente. Muitos ca-

sais não se separaram por medo do que irá dizer Fulano, Sicrano, do que irá dizer “a minha mãe” etc.

A dialética entre o prazer e o desprazer, entre o amor e o desamor, entre a ternura e a agressividade, entre a segurança e a insegurança, entre a vida e a morte, constitui parte essencial do existir humano.

É a partir do existir humano concreto que se funda a educação que deve guiar os pais. Ser pai significa confrontar-se com o existir humano, procurar compreender a existência junto com o filho, ao lado dele, com ele. Só a verdade educa, só o confronto educa, só a aceitação do conflito e da contradição da vida humana dão consistência à tarefa de ser pai.

4.7. ... para ganhar

A vantagem das crianças de pais separados é que elas aprendem mais cedo *o que é vida*, aprendem mais cedo que união e separação são dois aspectos da mesma coisa, que presença e ausência são aspectos essenciais da vida.

O trauma profundo não é a separação mas a própria compreensão da existência humana. Os filhos de pais separados não são feitos de matéria diferente do que os filhos de pais “unidos”. A criança vive em conflito sempre e o adulto também. Esse conflito é mais latente num momento e mais aberto em outro, mas *não há vida sem conflito*.

O que me parece fundamental é não se fugir da vida, do confronto, não abandonar a batalha. *A criança não pode ser protegida da vida*; deve vivê-la com toda a sua intensidade e ela apenas viverá enfrentando situações novas e não repetitivas.

Aliás, a monotonia e a rotina são profundamente mórbidas na infância. O que desejo afirmar não é a desorganização da casa. A criança precisa ver nos pais, seus pais. Precisa ver nos pais, adultos e não crianças; precisa de pais firmes e disciplinados, carinhosos e severos.

Não é fácil ser pai, aliás nunca somos pais, sempre estamos *sendo*, sempre estamos aprendendo. O que é preciso é evitar que os filhos venham se desgastando com crises emocionais dos pais. Muitas vezes a separação dos pais é um alívio para os filhos que foram sufocados pelas tensões emocionais geradas pelo desentendimento cotidiano.

Criar um filho significa “levá-lo” até sua *autonomia*. O filho precisa “superar” o pai. Um pai consegue ser pai quando seu filho tiver “superado na vida”.

A tendência do pai é “segurar o menino”, “conservá-lo”, “tê-lo”. Justamente e contraditoriamente, o que fará com que o filho *seja* é fazer com que ele não seja *dele*, mas seja *ele mesmo*.

E ser pai é ser envolvido nessa atmosfera de contradição.

Um pai unido à mãe num mesmo teto terá mais dificuldade de educar seu filho para a autonomia. Desejará dar-lhe *liberdade social* mas, ao mesmo tempo, terá o *domínio econômico* para cerceá-lo quando isso não lhe agrada. O filho, por sua vez, buscará a *liberdade social* e ao mesmo tempo lhe agradecerá a *dependência econômica*.

* * *

Existem muito mais mistérios sobre a paternidade. Só a reflexão cotidiana sobre a prática poderá dirimi-los, em parte. Mesmo se movendo em meio ao mistério, ser pai é uma das funções humanas mais gratificantes.

5

AMOR & DISCIPLINA

Muitos poderiam ser os temas de que um livro sobre pais e filhos deveria tratar.

As histórias entre pais e filhos são muitas, são numerosas. Seria escolher, ao acaso, entre miríades.

— Quais seriam as histórias que poderiam ter um significado mais geral?

Essa seria uma busca aparentemente inútil. Afinal, o geral está no particular. Qualquer tema, qualquer história que um pai abordasse estaria subentendendo uma certa perspectiva da paternidade. Por trás de todas as histórias esconde-se sempre essa perspectiva.

Provavelmente uma mãe ou um pai, uma futura mãe ou um futuro pai que buscasse neste livro alguma inspiração, um testemunho, talvez estivesse interessado em saber como manter a dialética entre o *amor* e a *disciplina*.

5.1. Obstáculos

Muito se tem escrito sobre o assunto. Confesso não haver lido bastante. O que posso expor é o ponto de vista de um pai, aliado à experiência educacional.

As crianças nascem livres, buscam infatigavelmente a liberdade. As minhas sempre foram assim. O educador

genebrino Jean-Jacques Rousseau dizia que os homens nascem bons e a sociedade os perverte, opinião que foi seguida pelos “naturalistas” que tentaram demonstrar o quanto a natureza é sábia em suas escolhas e em seu destino.

Outros educadores, como Émile Durkheim, ao contrário, entendiam que o homem nasce egoísta e à sociedade, através da educação, cabe regenerá-lo desse “pecado original”.

Hoje, os estudos de psicologia infantil e de sociologia da educação encontram a síntese teórica entre essas tendências, evidenciando a herança cultural, a herança biopsíquica e ambiental, superando a aparente contradição entre essas duas tendências.

Na prática, entretanto, os fatores que impedem a realização dessa síntese são numerosos. Apenas para mencionar: a chamada “luta pela vida”, o sucesso profissional, o trabalho duro e pouca remuneração, as condições de trabalho e de moradia para a imensa maioria das famílias. E mais: a absoluta falta de preparação dos jovens casais para educar filhos. A sociedade consumista, muito preocupada com a economia, com a circulação do consumo e com a produção capitalista, pouco se tem preparado para o exercício do amor, da educação, da saúde e mesmo da alimentação.

É extraordinário como nossos currículos escolares estão sempre tratando de tudo, menos da vida, das coisas essenciais ao viver. A vida é certamente o trabalho, a vida é certamente o que fazemos dela e o fazer é básico, mas o *sentido da vida* não se aprende apenas tendo uma atividade profissional que, ademais, no sistema capitalista no qual vivemos, é fonte perene de alienação e frustração. Assim, na prática, a realização da *síntese* entre o amor

que deixa florescer a liberdade e a disciplina que orienta e conduz pela autoridade, encontra inúmeros obstáculos.

No meu caso, o maior obstáculo foi a obsessão pelos estudos e, ao mesmo tempo, a necessidade de trabalhar, por ser o único salário da família. Para quem teve os pais com um mínimo de estudos; para quem teve todas as dificuldades para estudar; para quem repetiu por duas vezes um ano escolar no primário, o maior desafio era formar-se, concluir os estudos superiores.

Depois de casado acabei fazendo o mestrado e o doutorado. O envolvimento político foi outro fator que me distanciou dos filhos. A minha *opção política* teve um custo alto.

Os militantes políticos precisam buscar alternativas de relacionamento com seus filhos, os intelectuais também, mas todos precisam igualmente. *Existe uma medida da qualidade que é quantitativa*: é preciso tempo, muito tempo, é preciso caminhar com eles, deixar muitas vezes os amigos. *Os filhos precisam tornar-se os maiores amigos dos pais*. O pai não pode ficar com os filhos somente nos momentos livres, depois que os filhos tomaram banho, depois que eles estão cheirosos, prontinhos para dormir. Não; ele precisa dar-lhes de comer, vesti-los; levá-los para a escola, fazer os deveres escolares com eles, brincar com eles. Jamais um pai pode recusar um chamado de um filho para uma brincadeira. Isso custa, mas é o preço a pagar se se quer assumir a paternidade.

Isso não significa instaurar uma *puerotirania*.

“Os filhos são tiranos”, diziam os antigos.

Por isso, é preciso disciplina. É o que ouvimos de pais ainda hoje na porta da escola: “se meu filho não estuda ou faz bagunça pode puxar-lhe as orelhas”, “uns tapinhas, de vez em quando, não fazem mal”. O bom senso será

sempre a melhor escolha. A negociação, quando possível, é outro ponto de apoio. O pai não pode ser um brinquedo, à espera paciente do filho. Não é isso que os filhos querem. Querem apenas atenção. Querem que suas perguntas tenham respostas. Nem sempre é possível atendê-los. Nem sempre. Mas uma resposta é sempre possível. Isso depende certamente de uma organização da casa, de uma disciplina interior que nasce primeiro nos pais, dos dois. Não basta que apenas um se sinta responsável. *Os filhos querem ver nos pais os adultos que eles gostariam de ser e não outras crianças, adultos infantilizados.*

5.2. Amar é prestar atenção

O telefone toca.

— Seu Moacir, é de Natal, interurbano, venha logo — chama a Jô.

— Oi, papai, deixa falar com o Papai Noel?

Era a Inaê. Ela queria falar com o Papai Noel. Afinal para ela Natal significava Papai Noel.

Os adultos realmente vivem longe dos sentimentos das crianças. Se vivessem mais junto a elas aprenderiam a viver. Afinal, é só com elas que a vida tem sentido, já que o sentido da vida se aprende com aqueles que o têm, aqueles que têm um futuro. O “Papai Noel” significa o sonho, a vontade de viver um momento, viver aquilo que sempre desejamos. O sonho, aquilo que sempre desejamos e nunca alcançamos. O nosso “Natal”, era isso que a Inaê desejava.

O “Papai Noel” não existe? Existe? Quantas histórias ao redor da fantasia real! Buscamos cada um realizar o impossível: o sonho de uma vida sem conflitos,

uma vida amorosa onde existe apenas a realização do sonho possível.

Depois de atender ao telefone de Natal (RN) acabei tendo uma conversa com a Inaê. Queria saber dela o que ela queria com o Papai Noel. Ela me disse que queria presentes, que procurava saber como ele conseguia tudo aquilo que as crianças desejavam. Foi difícil explicar para ela que o “Papai Noel” era o trabalho, que eu trabalhava, que sua mãe trabalhava, que era através do trabalho que os trabalhadores (como nós) podíamos adquirir os “presentes”, a subsistência nossa e a própria vida.

Teria sido muito ingênuo e cruel — enquanto pai-educador — se procurasse simplesmente destruir a fantasia da Inaê. Por isso contei como na minha infância, na roça de Rio Belo (SC) eu esperava o Papai Noel pondo na porta da casa cana picada e grãos de milho para o seu cavalo. Como diz Gianni Rodari em sua *Gramática da Fantasia*, a escola vem reforçando a memória em detrimento da imaginação e da fantasia. A imaginação, a fantasia e a criatividade são as grandes armas de que dispomos — pais e educadores — para pensar e ensinar a pensar.

Estamos por demais absorvidos pela cruel “objetividade” da luta do dia-a-dia, sempre ameaçados pela incerteza do amanhã e, muitas vezes, perdemos a chance que um gesto simples, um olhar, um sorriso, um leve toque, nos oferecem para nos conhecermos melhor, para dar substância a esse amor pelos filhos e por todos os homens.

Notei durante alguns dias que Dimitri estava muito triste e “aéreo”. Depois de muito conversar com ele, acabou me contando que estava “apaixonado” por uma menina e que ela não lhe “dava bola”. Dimitri tinha, então, 8 anos. Naquela época não cheguei a me preocupar com essa paixão. Não acreditava que pudéssemos nos apaixonar nes-

sa idade. Só dois anos depois é que percebi o meu erro, quando, despertado por nova paixão do Dimitri, eu também comecei a me lembrar da minha primeira namorada: eu tinha também oito anos. Se eu tivesse prestado mais atenção aos sentimentos do Dimitri, se eu tivesse levado a sério o seu amor, seu primeiro amor, teria aprofundado muito mais a nossa relação, teria estado mais perto num dos momentos mais difíceis da vida dele.

“Estar perto” não significa se acotovelar uns nos outros, “pegar pela mão”; significa muito mais: significa sentir a presença, prestar atenção, valorizar os mínimos gestos, os mínimos desejos, o olhar, que, como os *icebergs*, escondem a maior parte das nossas vidas.

5.3. As regras do jogo

O amor e a disciplina não se excluem. Ao contrário complementam-se.

A brincadeira, e muito mais o jogo, demonstram claramente essa unidade.

Os brinquedos que o mercado de consumo lança hoje e cuja principal vítima é a criança e não os pais, como se poderia supor, isolam a criança, criam o desamor e a agressividade.

O *jogo* (uma bola, um botão, uma boneca, um brinquedo de pai, um papagaio, um pedaço de papel, um lápis, qualquer coisa...) é o principal meio educativo, o principal instrumento de relação entre pais e filhos. Tirando dessa relação a possibilidade de brincar, de jogar, tira-se a possibilidade de ser pai, de exercer a paternidade.

O jogo continua a vida toda, *o homem é essencialmente lúdico*. É pelo jogo que estabelecemos o amor e a amizade e educamos para a disciplina.

As regras do jogo são constantemente invertidas pela criança.

Quanto mais adulto, o menino adolescente procura “respeitar” as regras do jogo. As regras mudam, mas, na verdade, elas continuam o jogo permanece, porque a regra, antes era a de que “as regras podiam mudar” e agora “a regra tem que ser observada”.

O adulto pode, dentro de uma racionalidade já cristalizada, exercer o autoritarismo das regras. Faz a criança chorar porque ela não quer respeitar a regra, a norma, que afinal foi estabelecida “democraticamente” entre ele e a criança. Afinal, “o pai tem que ser respeitado”, e quando chega num acordo com o seu filho, para jogar determinado jogo, o filho deve respeitar o estabelecido.

A briga começa quando o adulto não percebeu que o final do jogo chegou para o filho antes que tivesse chegado para ele.

Eu já me irritei muito quando o Dimitri me chamava para jogar e no meio do jogo me dizia que não queria mais jogar. Eu insistia para que o jogo chegasse ao fim, para completar o jogo. Não aceitava “terminar o jogo no meio”, no primeiro tempo.

A disciplina não se exerce apenas de pai para filho. O que é mais importante é saber o momento, para o pai, em que o *filho também exerce o seu direito de chamar a atenção do pai*.

É uma crueldade exigir que o filho continue jogando só por que o pai deseja acabar o jogo. Já vi crianças serem obrigadas a jogar chorando só porque o pai ainda não terminou o jogo. Isso não é disciplina. Isso é *desamor*. Isso não é compreender a força do jogo, a disciplina do jogo para a criança.

Não se trata de ceder aos caprichos da criança. Trata-se simplesmente de compreendê-la, de compreender o que significa o jogo para ela. A disciplina, o respeito pela norma, só tem sentido se ela for nutrida por um imenso amor. Sem amor não será possível “interromper” o jogo no primeiro tempo e buscar um novo brinquedo.

5.4. Não esconder o jogo

Ao mesmo tempo, havendo amor, é possível levar o filho (a criança) para a compreensão de valores que superem o natural “egocentrismo” da criança. Mas acredito que nada é preciso de ser imposto, interiorizado pela força (física ou psicológica). A força e o poder de pressão só existem positivamente entre as classes sociais. O “pátrio poder” é apenas uma caricatura, um desvio, uma doença que nada tem a ver com a paternidade, tem a ver apenas com a miséria das relações humanas e sociais sob o domínio da corrupção política, da imoralidade, da falta de dignidade que o poder pelo poder estabelece.

Além do poder existe o homem. Além da dominação de classe (histórica e superável) existe o elo da humanidade que somos nós hoje, contingentes, precários. Como dizia meu inesquecível amigo de Rolle (Suíça), Claude Pantillon, além da ideologia e da luta de classes existo eu, seu amigo, que vou morrer dentro de dois anos (e morreu realmente).

Entre pais e filhos existe um *jogo de vida e morte* que procuramos esconder. Não aceitamos que eles (os filhos) venham a nos superar, a nos “substituir” no jogo da vida. O jogo, por mais simples que seja, é uma pequena amostra de um jogo maior, que é o *jogo da história*. Quando

estamos jogando, não pensamos que logo estaremos no “banco dos reservas” e que, logo mais, nem estaremos no banco de reserva e que jamais poderemos jogar.

O exercício da paternidade é um jogo duplo, um jogo difícil.

É preciso acreditar nele para que os filhos reconheçam a dignidade da vida. Ao mesmo tempo, é preciso ter forças suficientes para reconhecer que fatalmente será um *jogo perdido*.

Ser pai significa perder o jogo para seu próprio filho. Só compreendemos realmente isso quando aceitamos que mais dia menos dia o jogo está perdido.

Fomos criados para ganhar, para sermos o primeiro, para jamais ceder, jamais voltar atrás, jamais retroceder. Fomos educados para a vitória. Jamais percebemos que a derrota é muito maior, que os erros, as derrotas, as falhas, a doença, os perigos, as insatisfações existem.

Ao encontrarmos nossos filhos buscamos esconder a vida, as derrotas, as misérias encontradas, “escondemos o jogo da vida” para preservá-los, para fazer com que eles cresçam melhor, mais saudáveis, mais alegres e mais otimistas. Doce ilusão! Ninguém pode escamotear a vida.

Nenhum pai poderá sentir-se pai se um dia não enfrentar a verdade, se um dia não resolver jogar o jogo da vida por inteiro, até o fim, com amor, com dureza, com paixão e mostrar a seu filho que ele terá que chorar, terá que enfrentar o trabalho (muitas vezes a fome), que terá que ser homem ou mulher por inteiro. Uma coisa é certa: *não dá para ocultar a vida*, o confronto, a luta.

Um dia, cedo ou tarde, o confronto irá acontecer. Ele terá que dizer sim ou não. Não bastarão evasivas, desculpas, para a vida.

* * *

Os filhos são os grandes mestres para os pais. Ainda não aprendemos essa grande verdade. Ainda pretendemos ensinar aos filhos. Ainda não percebemos que são os filhos que ensinam aos pais, que justificam a sua existência.

Ainda não entendemos que sem os filhos não somos pais, que são eles que nos devem “dar lições”, e não nós.

Ainda não aprendemos a ouvi-los, a escutá-los.

No fundo, ainda não aprendemos a amá-los, ainda não aprendemos o que é amar, ainda não aprendemos que, além de todos os discursos, além de todas as pedagogias e dos pedagogos, ser pai é simplesmente amar seus filhos. Nada mais. Nada mais.

6

DIÁLOGO EM TRÊS ORAÇÕES

Nunca se esquece o pai.

Uma noite, antes de dormir, perguntei ao Dimitri (a separação legal havia acontecido há pouco mais de um mês) se ele ficava triste com a minha ausência prolongada. Ele me falou que “a coisa pior do mundo é ficar sem o pai”. Mas ele não queria me magoar. Não queria deixar transparecer o que estava sentindo e acrescentou logo: “eu vou me acostumar”.

Parece haver uma contradição.

Não. É perfeitamente natural. Só que nem o pai e nem o filho jamais se acostumarão com a perda, irreparável, para sempre. Creio que a separação entre um pai e um filho é para ambos uma antecipação do que será a morte. É tão violenta como a morte, uma morte prolongada, que mata lentamente, por dentro.

6.1. Sentido histórico da paternidade

O Dimitri não irá jamais se acostumar à separação.

É uma marca que ele levará (e seu pai também), para sempre, que o fará crescer, também. É verdade, ambos ganharão com a experiência da própria vida (morte), que é uma separação, uma “ek-sistência”, como dizia

Heidegger, isto é, um “viver fora do lugar onde se pode viver”.

Alguns fatos só podemos entender sem conseguir explicar. Provavelmente é o que acontece com a paternidade. Ser pai é estar ligado ao mistério da vida. Não existem palavras para expressar a experiência profunda da vida que experimentamos na angústia, esse medo sem objeto, esse pavor existencial que nasce com a separação entre pai e filho. Isso apenas prova que a ligação fundamental entre eles não é apenas carne, não é apenas sentimento, não é apenas cultura e educação. É muito mais um fio condutor da história humana, que une o inefável e inexplicável *fenômeno da vida*. É nesse sentido que o amor pelos meus filhos aponta para o amor do universo de todas as crianças.

Quando criamos um filho não nos damos conta do fato de que ele nos envia a toda a história da humanidade da qual nós e ele somos um elo. Há momentos em que essa enorme corrente nos prende. Queremos “ficar para sempre presos”. E a nossa angústia nasce justamente dessa incapacidade humana de “ficarmos”, de permanecer, na vida, unidos.

O Dimitri, ao dizer-me “eu vou me acostumar”, quis dizer mais.

Ele demonstrou entender que a vida é uma luta. E que as contrariedades fazem parte dela. Mas é, sobretudo, para o seu pai, um gigantesco grito de alerta, como quem diz em meio ao tormento: “Pai, eu preciso de você”, “não me abandone”. Significa exatamente o contrário do que a letra do discurso quer representar. Significa “eu não vou me acostumar”.

Pai só temos um, para sempre. Só compreendemos isso quando o perdemos. Quando ele está junto, ele está tão

perto que não o enxergamos. Ele está tão perto da gente que não notamos a sua presença.

Tenho 42 anos e saí de casa aos 12 para estudar num internato. Passaram-se trinta anos. Posso ter até sobrevivido sem meu pai, mas nunca o esqueci; aliás, nunca me acostumei a viver longe dele e muito menos à idéia de perdê-lo. Ainda sonho viver com ele todo o tempo que passei longe dele.

6.2. Os filhos unindo os pais

A mesma pergunta, feita a Inaê, na mesma noite, enquanto eu e o Dimitri estávamos em silêncio, sem palavras, pensando, deitados na cama, contemplando o teto, a Inaê respondeu com outra pergunta: “Pai, por que vocês se separaram?”.

Depois de um longo e penoso silêncio eu respondi: “Não sei; talvez para não começar uma briga e, com isso, estragar o amor que fez com que você e o Dimitri estivessem, aqui, agora”.

“É melhor assim”, retrucou o Dimitri. “Com a minha amiga foi muito pior. O pai matou a mãe dela, foi preso e depois se suicidou na prisão”. O Dimitri jamais esqueceu esse drama que emocionou Barão Geraldo (Campinas). Sempre sentiu pena de sua coleguinha de classe. Ambos tinham 8 anos.

No fundo, a Inaê procura uma razão mais profunda. O Dimitri procura justificar o fato e defender o pai (não quer perdê-lo). A Inaê não sabe ainda o que é não ter o pai em casa. Quando telefono, de longe, ela me pergunta, invariavelmente, se esta viagem vai durar ainda muito e se já comprei o presente.

A pergunta da Inaê é muito “sapecá”. Ela foi direto ao assunto (que o Dimitri matreiramente quis evitar). A Inaê revelou, aos 7 anos, uma enorme sensibilidade. Ela não entende como podem o seu pai e a sua mãe viverem separados. O Dimitri, ao dizer “é melhor assim”, quer justificar o fato. A Inaê, ao contrário, não se conforma, mesmo sentindo-se totalmente impotente diante da história.

Cada um, à sua maneira, luta pelo seu direito de manter juntos os seus pais. O laço dos filhos, atando os pais, é para sempre.

6.3. Diálogo & Conflito

Ser pai longe da mãe torna-se muito conflitante.

Até o momento, evitei falar da mãe. O leitor certamente compreenderá os motivos, os meus receios. Ela tem enfrentado uma “barra”, muitos sustos, muitas apreensões, muito sufoco. Os momentos mais difíceis sempre “sobraram” para ela, os previsíveis e os imprevisíveis. Tivemos muitas alegrias e também muitos momentos difíceis que enfrentamos juntos, quando isso foi possível. Certamente ela tem muito mais a dizer do que eu. A ela devemos o fato de nossas crianças terem crescido tão saudáveis, física e mentalmente.

Juntos ou separados, pai e mãe viverão sempre em conflito. Esse conflito pode ser superado, mas continuará latente, manifestando-se em momentos mais prolongados ou mais curtos.

De minha experiência de 12 anos de casamento, concluo que o que mantém unidos os pais (para o bem dos filhos) é, antes de mais nada, o respeito mútuo. Respeito não significa submissão. Ao contrário, significa “insub-

missão”. Por isso significa também “des-respeito”, na medida em que ambos não desejam cristalizar-se, pasteurizar-se, numa contemplação mútua de suas “perfeições”. Por “respeito mútuo” entendo buscar compreender o outro, interrogar-se a si mesmo, constantemente, para saber se estamos entendendo o outro. E eu provei com a minha própria experiência que não há idade para isso.

Muitos psicanalistas e psicólogos dizem que é preciso muito papo, muita conversa, muito *diálogo*. Recomendam, como o psicoterapeuta Viktor Frankl em seu brilhante ensaio *A Psicoterapia e Sua Imagem do Homem*, o que chamam de “terapia pela fala”, a “logoterapia”. Diálogo e conflito não se excluem. Existe um diálogo-conflito sem palavras. Um diálogo-conflito que se processa no interior do próprio homem, da sua dialética interior.

Certamente precisamos do outro para nos reconhecermos enquanto homens. Não um espelho, mas o testemunho do outro que nos “dá” a existência. Mas esse “outro exterior” não elimina a duplicidade do “eu” e a luta que o mantém em movimento.

Além do diálogo com palavras existe a dignidade do olhar, o gesto que substitui a fala. O rosto que continua o “espelho da alma”, e o corpo que fala. A expressão facial, os pequenos gestos do cotidiano que fazem lembrar do outro, da existência do outro, como um “presente”. Os pequenos presentes (desde que sejam símbolos e não ostentação) desempenham um papel importante na manutenção da vida amorosa.

“Presente” significa “estar junto”, e demonstra não só “estar junto”, demonstra estar vivo, viver a mesma vida. A ideologia do consumo abafou essa significação do “presente”, tornando-o mero objeto de traficância. Uma fo-

lha, uma flor, um ramo, podem dizer “presente” e, talvez, um anel de brilhante possa dizer simplesmente “adeus”.

O que mantém um casal unido são esses pequenos gestos e jamais os “grandes lances”. Para os bons jogadores de xadrez, os peões é que armam as melhores jogadas. É com eles que os casais precisam trabalhar e brincar. Os peões não são suficientes, certamente. Nada é suficiente. Não existem fórmulas para a complexidade das relações humanas. Cada casal é um casal diferente e cada um precisa achar a sua “fórmula” de vida comum. Mas esses peões podem ajudar. A sua ausência no tabuleiro significa uma ausência maior das grandes peças, no fundo, quando eles estão ausentes, já se consumou a ausência, sem eles não dá para continuar o jogo do amor e um dia acorda-se tarde demais: “o amor acabou”.

Essa era a resposta que queria dar à pergunta da Inaê. Gostaria de ter dado toda essa volta para explicar a ela por que nos separamos. Um dia ela entenderá e entenderá o meu silêncio atual.

A resposta não é tão simples.

Talvez não haja resposta para a pergunta da Inaê.

* * *

Depois de um longo silêncio a Inaê disse: “Pai, eu não tenho nada mais a dizer. Estou dormindo”.

Os três dormimos muito cansados.

Apesar das poucas palavras, foi uma noite cheia de diálogo e emoção.

Epílogo

Algum leitor poderia perguntar-me se tudo o que aqui relatei é verdadeiro. Respondo categoricamente que sim: tudo é verdadeiro, embora entenda que a verdade é sempre uma visão relativa das coisas; não é nunca uma visão absoluta. Mas tentei ser absolutamente verdadeiro, doloridamente transparente. O nome de meus filhos é esse mesmo. Os fatos aqui relatados também o são. Nada inventei.

Perdoe-me o leitor se não substituí os nomes e não usei pseudônimo. Não quis escamotear o tema num pseudo-anonimato. Além do mais, odeio o anonimato. Prefiro chorar e me debater em público com a verdade, enfrentar o desafio de me desnudar e evidenciar minha fraqueza do que me sentir forte e protegido pelo manto escuro da noite do anonimato.

Se num primeiro momento hesitei em expor uma esfera íntima, em publicizar essa esfera, perdi toda hesitação na medida em que fui entendendo que a relação pais-filhos é uma relação através da qual construímos *juntos* o humano com *trabalho e reflexão*. *E não me parece que a construção da humanidade seja um assunto privado*.

O sol do dia pode ser muito quente e nos fazer rolar pelo rosto o suor e, por vezes, as lágrimas, mas é necessária a luz do dia, se desejamos ver um pouco mais. Talvez não vejamos muitas coisas e nem muito claro. Veremos sempre um pouco. O pouco que vejo sobre o que é ser pai está aqui, espero que outros façam o mesmo e aumentem a minha visão e a de muitos outros.

Há certas coisas que, se não forem ditas em certos momentos, não teremos outra chance de dizê-las.

Terceira Parte

20 ANOS DEPOIS

“Você não sabe o quanto eu te amo. Pai você é o melhor pai do mundo”. O que significa isso. Quantos foram as cartas e bilhetes que recebi do Dimitri e da Inaê neste ano e em muitos outros com declarações de amor.

As declarações de amor do *Dimitri* vinham acompanhadas de desenhos de viagens espaciais, caminhadas pelas estrelas e planetas, partindo da Terra e voltando, enfrentando perigos, campos magnéticos, meteoritos, defeitos da nave etc. E apareciam plataformas, espaçonaves, foguetes. A paixão pelas galáxias só viria mais tarde. Cada ser humano é único e insubstituível. Dimitri me pedia mais coisas em seus bilhetes (até hoje), mas também escrevia fazendo promessas de não mais brigar com a Inaê. Gostava de videogame, de som barulhento, de todos os jogos: tênis, futebol, basquete, vôlei. Do Iron-made, do Metálica, do rock pesado. “No meu aniversário quero falar sério com você”. “Pai, sem você eu não existo”. Os desenhos dele eram muito disformes, usando armas, meio homens, meio bichos, muito opostos aos delicados desenhos da Inaê.

As declarações de amor da *Inaê*, com desenhos de uma casa (cheia de corações), uma árvore, papai, mamãe e ela, invariavelmente. Ela nunca esquecia depois do segundo casamento de incluir a Rejane. As crianças entendem muito bem a separação. Não têm problemas se seus pais se casam novamente, ou escolhem outros namorados. Nós adultos, contudo, temos enormes dificuldades em aceitar a separação. Nossas estruturas sociais e morais rígidas, penetram fundo no nosso ser e, por mais que tenhamos

uma visão crítica delas, elas se sobrepõem à nossa vontade e ao nosso intelecto. Elas nos impedem de lidar com as nossas emoções e fazem um enorme estrago em nossas vidas. Já, as crianças, em sua pureza, se não forem afetadas diretamente pelos pais vão conseguir ajudá-los a passar por esse “terríveis dias” iniciais da separação.

Como “pai separado” escrevia e recebia cartas da Inaê pois eu morava em São Paulo e ela em Campinas: “Pai, recebi sua cartinha. A cartinha eu guardei no fundo do meu coração. Você sabe que eu amo você. Cheira a cartinha para você ver. É cheirosa! Você é o papi mais querido, bonsinho do mundo inteiro”. E um PS. “Vai aviãozinho, leva esta cartinha para o meu papi!”. E seguiam os desenhos dela. Desta vez, chorando de saudades... e o aviãozinho. Receber uma carta de amor de um filho, de uma filha. É a melhor coisa do mundo.

Dia 19 de julho de 1985 Inaê me escreve: “Estou mandando esta cartinha para que você não chore. Então peço para você me ligar quando receber esta cartinha. Eu estou morrendo de saudades de você”. Inaê tinha 8 anos. Demorei para responder.

São Paulo, 18 de setembro de 1985

Minha querida Inaê,

Faz tempo que recebi sua carta de 19 de julho. Não tive tempo até agora de respondê-la. Você sabe como é a minha vida, sempre correndo. Mas não esqueci, não. Sua carta está sempre comigo. Sinto tanta necessidade de estar perto de você, mas tenho que contentar-me com sua carta. Você diz que sente saudades. Eu sinto mais porque sou maior. Você me diz que eu não chore, mas não adianta me pedir isso, eu vou continuar chorando toda vez que me lembrar de você, de cada passo que você der, desde o dia que vi você nascer até hoje.

Eu só estou longe de você porque não havia outro jeito, porque era o único jeito de poder continuar existindo e continuar te amando. Eu sabia que era muito difícil, para mim e para você. Eu sei o que é ficar longe dos pais. Eu fiquei quase toda a minha vida longe deles e sinto muitas saudades dos meus pais. Agora vou visitá-los mais vezes, mas gostaria de ter passado perto deles todo o tempo da minha vida.

Me escreva sempre, por favor, mesmo que seja para me dizer uma só palavra. Eu guardo você no meu coração todo o tempo. Eu preciso muito de você. Eu te amo muito, muito, muito. Seu papi.

Uma carta, entre tantas, que não chegou à destinatária. Inaê era muito pequena. A carta ficou comigo porque achava que ela não entenderia.

Inaê sentia orgulho de ter nascido na Suíça. Quando sofria, como o Dimitri, sofria calada. Aliás, até hoje Inaê vive docemente ensimesmada, tranqüila. Inaê é muito serena. E muito bonita. Ela fazia “lições de casa” e colocava no final um espaço para que eu e Rejane avaliássemos o seu trabalho: “Papai o que você acha da minha liçãozinha?” “E você Rejane, o que você acha?”

I. Cartas, os textos mais importantes que escrevemos

Tenho dezenas de cartões desenhados por ela. Podem ser iguais a tantos outros desenhados por tantos filhos. Não importa, os pais devem guardá-los, olhá-los de tempos em tempos. Eles contêm ensinamentos valiosos para a vida. Os *desenhos* feitos na escola eram muito mais “certinhos”, organizados, bem distribuídos na folha. Já os desenhos feitos para mim eram extremamente criativos, livres, desordenados, ou melhor, com uma ordem pró-

pria. Não “retratavam” objetos, mas eles eram desenhados conforme vinham à imaginação.

Costumamos guardar fotos, mas os desenhos também traduzem muito o que fomos e o que somos. Nas fotos é preciso ler o momento, a vontade de nos perpetuar, de perpetuar um instante. Posamos sempre para alguém, pensando em alguém que está distante. Queremos que nos veja. A emoção da dança na escola, um abraço em família. Os filhos muitas vezes pedem coisas, motivados pelas festas-consumo, mas também pedem férias, pedem para ficar com eles. Nunca conseguiremos ser os pais que gostaríamos de ser. Podemos tentar, mas sempre estaremos aquém do que gostaríamos.

Eu sempre me sinto um pai em débito. Nada tenho a ensinar sobre esse tema. Mas uma coisa é certa: quem não experimentou a separação tendo crianças pequenas terá dificuldade de entender o amor materno/paterno.

Na década de 80 eu vivi intensamente a dor da separação. Repetia freqüentemente aos amigos que desejavam fazer o mesmo: “A dor da separação não compensa qualquer felicidade ou alegria que ela pode trazer”. A minha relação com os filhos era dolorosa, sob todos os aspectos. Só as cartas que escrevia para eles, que jamais pude entregar a eles, me mantinha vivo. Às vezes recebia deles alguns bilhetes ou cartinhas que guardava comigo durante muito tempo e, secretamente, respondia.

São Paulo, 21 de outubro de 1985

Meu querido filho Dimitri,

Estou com sua carta de 30 de setembro. Leio e releio sua carta, analisando cada palavra, tentando adivinhar o que cada uma de suas letras esconde. Vejo cada vez mais a mim mesmo tentando estar cada minuto de minha vida perto de você

e não podendo estar, escondendo saudades, angústias e, muitas vezes, o medo. Lembro que também eu, aos doze anos, estava longe de meus pais. Sei de tudo em dobro dos dois lados, como pai e como filho.

Por isso tenho vontade, cada dia mais forte, de poder contar com você sempre, para um dia poder compartilhar todos os instantes que vivemos longe um do outro, de poder contar a você também os meus segredos, aquilo que só posso dizer a um filho que amo, aquilo que sempre tive vontade de dizer a quem amo e jamais pude. Esses segredos que, para dizê-los, é preciso de uma longa caminhada a pé, que é preciso preceder por uma longa compreensão, muito olhar um no outro, muita sensibilidade, muito carinho, tudo isso que temos muito um para o outro.

Dimitri, penso em você todos os dias e morro de saudades toda vez que paro nessa luta, nessa vida corrida que levo, procurando fazer de tudo para que nada falte a vocês; mas faço tudo isso com alegria, com prazer, superando a dor que muitas vezes isso me causa, porque sei, porque sei muito bem que a alegria de vocês é a única coisa que conta na minha vida, porque só você e a Inaê podem dar sentido ao meu trabalho e à minha vontade de viver.

Com muito carinho e amor. Do seu pai. Assinado: Papi.

Três anos depois. Era Natal. Eu estava sozinho. Minha mente foi tomada de assalto pelos meus filhos

São Paulo, 24 de dezembro de 1988

Meu querido filho Dimitri

Você não receberá esta carta. Neste momento você está muito longe daqui. Estou lhe escrevendo para dizer-lhe que você, quando for pai, faça todo o possível para jamais ficar longe de seus filhos no dia de Natal. Quando eu tinha 12 anos fui para o Seminário e passei quase todos os Natais de minha vida longe de meus pais. Sofria muito. Passava a noite quente de Natal lendo ou contemplando a lua, as estrelas

e chorando. Parece-me que o destino está me castigando ainda mais hoje, tirando-me meus filhos neste dia.

Queridos filhos. Eu ainda não cheguei a conhecer vocês. Ainda não consegui falar com vocês e talvez jamais consiga. Estou sempre fugindo. Depois do Seminário, que me martirizou profundamente, mexendo com minha personalidade, tornando-me “esquisito”, como costumavam dizer meus colegas, veio a dura vida “secular”: tive que me virar para sobreviver. Passei alguns anos sem voltar para a casa de meus pais. Queria voltar a vê-los só depois de ter construído alguma coisa. Demorou e nada conseguia construir. Voltei a ver meus pais e eles já estavam velhos. Já não tinham a mesma força de antes. Já não me conheciam e nem eu a eles. Passamos tanto tempo longe um do outro que já não nos reconhecíamos. Eu queria que eles fossem como quando eu os deixei, quando tinha 12 anos. Tudo em vão. Descobri que não podia voltar atrás. Que era impossível reviver o tempo perdido.

Seu pai pensava que podia recomeçar. Acreditou que sempre se pode recomeçar. É verdade. Pode-se. Mas as marcas permanecem para sempre. Por isso hoje estou escrevendo para você, estou me ocupando, pensando em você. Não consigo fazer o essencial de minha vida que é dedicar-me a vocês. Eu o quero, mas até agora não consegui. A cada momento procuro sentir vocês. Em todo lugar penso em vocês.

Eu gostaria que todas as crianças do mundo tivessem o Natal feliz que eu desejo e sempre desejei. Essa angústia que sinto hoje dentro de mim vem desde que saí de casa. Não tínhamos nada lá em Rio Belo. Mas éramos muito felizes. Quando eu ganhava um chocolate ou uma gaitinha de oito furos, eu me sentia muito feliz. Houve Natais que só tínhamos os doces que mamãe fazia, e mesmo assim, éramos felizes. Corríamos, dançávamos. Minha irmã mais velha, a Lourdes vestia-se de Papai Noel e entregava alguns bombons embrulhados em papel de jornal. Mas éramos felizes.

No Seminário, o Natal era religioso. Solene. À noite, tínhamos a missa, com o “Liber Usualis” — um grosso livro encadernado de cantos gregorianos — nas nossas pequenas mãos, para cantar, acompanhados pelo órgão. De manhã éramos despertados com música e depois da missa tínhamos um café especial com alguns pequenos chocolates e cuca, um delicioso doce típico de Santa Catarina. Mas, dentro de mim, eu queria mesmo era ver meus pais. Era tudo o que eu queria. Num canto, eu chorava, sozinho. Sentava longe de todos e procurava lembrar da minha roça, de minhas caçadas, de minhas caminhadas pelo mato, das frutas que colhia e dos peixes que pescava com meu avô.

Dimitri, eu cometi muitos erros em minha vida, mas sempre procurei fazer tudo honestamente. Não procurei enganar a ninguém. Dimitri, de você também creio que jamais dirão que foi desonesto. Podemos ser chamados de ingênuos. Não importa. É melhor do que ser chamado de “esperto”. É melhor enganar-se do que enganar.

Sei pai que muito te ama.

Um ano depois, lá estava eu novamente: só, fugindo não sei de que, porque, nem sei para onde, mas *amando muito*, amando sobretudo meus filhos, lembrando da minha infância e querendo contar a eles a história da minha vida.

Inaê, estou olhando para a sua foto, pendurada na parede do meu escritório e me pergunto: por que eu não consegui até hoje sentar um pouco com você, brincar um pouco mais com você? Você está com 12 anos e eu ainda não tive tempo de ficar com você sequer um dia inteiro. Em doze anos não consegui desfrutar de sua companhia que é a companhia mais importante de minha vida. Eu fui perdendo você dia a dia, semana a semana, mês a mês, ano a ano.

Você e Dimitri foram crescendo, crescendo e eu não vi vocês crescerem. Quando estavam se acotovelando a meu

lado eu estava lendo, trabalhando, lutando, me informando. Eu não sabia o que estava fazendo. A todos eu sempre atendi. A todos eu sempre fui solícito, atencioso. Mas não era atencioso para com aqueles que eu mais amava. Me perdoem por não ter tido tempo de curtir vocês.

E vocês sempre me compreenderam. Sempre me desculparam. Vocês sempre me amaram e sempre aceitaram minhas justificativas. Vocês viam que eu amava muito vocês. Muito, muito. Inaê, eu tenho todos os seus desenhos, todos os seus corações, suas árvores, suas casinhas. Todos os seus “Eu te amo muito, pai”. Encontro-os em todas as partes: quando abro um livro, quando abro uma gaveta, quando tiro uma folha de papel para escrever. Em todos os cantos de minha casa eu encontro você. Eu topo com as suas lembranças. Elas me chamam constantemente à vida.

Todas as coisas, os livros, as aulas, a política, o envolvimento, tudo passa, mas vocês não passam. Vocês são tudo o que tenho na vida. Eu não precisaria ter mais, mas não soube aproveitar do que é meu. Não soube contar uma historinha, das muitas que você me pediu para contar. Eu sempre tinha alguma coisa para fazer. Eu sempre precisava me afastar de você. Não soube caminhar com você o quanto gostaria. Não soube conversar. Não soube te ouvir, querida filha. Não soube ser pai quando eu precisa ser. Não sabia dizer “Não” a ninguém. Somente dizia “Não” para vocês, somente a vocês. Vocês eram os únicos que ouviam de minha boca a palavra “Não” quando era para os outros que eu deveria dizê-lo.

É por isso que eu quero hoje lhes contar uma história.

Vocês sempre me pediram para contar histórias e eu jamais consegui tempo para isso. Agora vocês estão longe de mim. Tenho vontade de lhes contar uma história e vocês não estão mais aqui comigo. Vocês vão me entender porque faço isso agora.

Querida Inaê: “Era uma vez um menino pobre...” Ele nasceu num lugar muito bonito. No sopé de uma montanha de onde descia em cascatas um pequeno riacho, cantarolando

por entre as pedras. Aquele pequeno rio chamava-se Rio Belo. Foi lá que eu nasci. Minha jovem mãe me deu à luz num rancho depois de voltar correndo da roça, depois de descer a montanha sentindo contrações e carregando o trato da vaca leiteira. Não largou o trato lá em cima. Mesmo com as contrações aumentando, ela não deixou cair o alimento da vaca que nos fornecia o leite. Ela era uma mulher muito forte. Andava sempre de pés descalços. Não tínhamos condições de comprar sapatos. Tinha muito amor no peito. Era a mãe mais adorável do mundo. Lutava para sobreviver num lugar pequeno, onde apenas moravam umas 8 famílias, uma distante da outra. Cada uma com sua pequena roça, com seu pequeno pedaço de terra cultivada para os outros, pois o fumo que cultivávamos, o vendíamos para um senhor de Benedito Novo. Todo ano ele vinha buscar o fumo. Dinheiro a gente não via, pois esse comprador abria uma conta na sua “Venda” e nós retirávamos aí nosso dinheiro em produtos. Sempre havia um saldo negativo a ser quitado no ano seguinte, o que nos motivava a trabalhar ainda mais para pagar nossa dívida.

Inaê. Você sabe como se produz fumo?

Eu vou lhe explicar.

Primeiro você pega sementes selecionadas do ano anterior. Coloca essas sementes num canteiro para fazer as mudinhas. Como todas as pequenas plantas, elas precisam de muito carinho, além de adubo natural e água. Não conhecíamos qualquer produto químico. Elas precisam ser plantadas na época certa. Precisam de água e não podem ficar muito tempo ao sol. Precisam de sol, mas não muito forte. No início, suas folhas são muito delicadas. Mas todas as plantas gostam de sol, precisam de sol. Sem a energia do sol elas não crescem.

Depois, quando elas estão mais crescidas — mais ou menos meio palmo da mão do papai — é preciso transplantá-las para o lugar onde elas irão crescer definitivamente. Geralmente elas são plantadas em fileiras, uma não muito lon-

ge da outra. Cada 15 a 20 dias é preciso retirar as ervas daninhas de sua volta para não prejudicarem o seu crescimento. A terra precisa ser boa. Cuidado também com os insetos que podem comer as folhas ou destruir seu caule. Em alguns meses elas estão prontas para a colheita. Eu fiz muito isso quando era pequeno. Transplantei, capinei ao redor das plantas e depois colhia, sempre de “cima para baixo”, me ensinava minha mãe. As folhas eram grandes. Podiam chegar a 5 palmos.

Mas tem mais uma coisa que quero lhe dizer, minha querida Inaê. Quando a gente colhe e vai colocando uma folha em cima da outra, a mão da gente fica preta da gordura da própria folha. Essa gordura preta é muito tóxica. Às vezes eu esquecia e esfregava os olhos para tirar algum cisco e, depois, ardia muito. Aí a minha mãe me dava uma bronca e ia na bica buscar água. Fazíamos uma pequena parada e voltávamos ao trabalho. Lembro-me de que, muitas vezes, ao carregar pesados fardos montanha acima, nas costas, ela pisava em grossos espinhos e não podia parar, na subida, para tirá-los. Tinha que pisar de lado e me dizia: “se os colonos, depois de tantos suores e de tantos sacrifícios não forem para o céu, ninguém mais pode ir”. A fé da minha mãe era inabalável.

Minha mãe era muito religiosa. Ia à missa todos os domingos. A igreja ficava longe. Num lugar chamado “Cinquenta”. Era preciso levantar cedo, aí pelas quatro horas da manhã, para buscar o cavalo que puxava nossa carroça até a igreja. Ela entrava pasto a dentro, no meio de arbustos, de lâmpião na mão, para procurar nosso “Zaino”, sozinha. Levava muitos sustos de animais e aves. Íamos direto para a igreja. Com orgulho via que mamãe havia calçado seus largos sapatos pretos. A falta de uso dos sapatos alargava seus jovens pequenos pés. Na volta para casa, o pai nos comprava um saquinho de balas. Eu chupava as balas e guardava o papel. Fazia coleção de papel de balas.

Nos domingos de manhã, quando chegávamos em casa, eu já tinha o meu programa. Eu sempre ia caçar com o pequeno bodoque, feito por meu pai, uma tradição dos meus avós que nada tinham para comer. Mas eu não matava muitos passarinhos, mesmo porque a minha pontaria não era muito boa. Eu ia sozinho. Ficava muito tempo no mato. Pegava muito susto, sobretudo de cobras e lagartos. Às vezes comia no mato e voltava muito tarde, ao escurecer. Apanhava de minha mãe que ficava muito preocupada comigo, o dia todo.

Para caçar com o bodoque eu usava pequenas pedras quando no sábado à tarde eu não conseguia fazer as pelotas de barro que endurecia colocando-as no forno à lenha depois de minha mãe fazer o pão. O forno continuava quente ainda por algum tempo. Era o momento em que eu colocava as pelotas e as deixava aí até ficarem duras. Desenvolvi muita habilidade para arredondar as pelotas. Comecei fazendo uma por uma. Depois conseguia fazer duas, três e conseguia sempre fazer quatro de cada vez. Apesar de ser pequeno eu achava que tinha mãos enormes. Tentei várias vezes fazer cinco pelotas por vez, para produzir mais rapidamente. Quando conseguia não eram da mesma qualidade. Mantive a produção em quatro por vez.

Meus pais brigavam muito, como quase todos os casais pobres e sem dinheiro. Faltava muita coisa em casa. Eles se amaram a vida toda e ainda se amam, mas a vida era muito dura para eles, sem o mínimo conforto. Vivíamos num rancho de um único cômodo, onde fazíamos a comida e dormíamos, todos juntos. O banheiro ficava um pouco afastado. Quando descansávamos ficávamos do lado de fora, sentados na grama. Passávamos longos períodos sentados na grama do lado de fora. Até hoje eu adoro ficar sentado na grama. Tenho uma relação muito emocional e emocionada com a terra. No inverno e em dias de chuva, tínhamos que ficar sentados dentro de casa na única cama que tínhamos. Sempre tínhamos que dormir na mesma cama com os pais.

Naquela época, acostumado a viver daquele jeito, não ficava incomodado. Não conhecia outro modo de vida. Hoje eu tenho certeza de que essas condições materiais de vida dificultavam muito o amor de meus pais, o carinho que eles poderiam dar e não podiam, diante dos filhos, o prazer de estar juntos, sozinhos. Entendo hoje porque estavam constantemente irritados. Qualquer coisa, em meio à tensão da falta de dinheiro e muito trabalho, acaba rompendo os laços sublimes que unem a família trabalhadora. Por isso, até hoje, não consigo julgar os erros que, por vezes, os pobres cometem. Não conseguiria ser juiz pois perdoaria todos os crimes dos pobres. O ter, a propriedade, ter alguma coisa, é necessário para ser, para ser feliz. Não podemos ser, sem ter.

Mas as brigas existiam. Às vezes, “sobrava” para mim. Eu não tinha escolha: acabava saindo de casa, sozinho. Conversava muito comigo mesmo, em voz alta, como minha mãe depois, mais tarde, me contaria. Falava que estava correndo, que estava subindo em árvores, falava com passarinhos, de dia contava os passarinhos e as pequenas nuvens no céu, de noite contava as estrelas. Comecei a gostar de viver sozinho, de andar sozinho. Conseguia fugir das brigas ao me afastar, sair sozinho pelas matas, andar, falar sozinho, cantar. Eu sempre fui muito sozinho. Comecei a vida sozinho e ainda estou sozinho. Acostumei-me à solidão. Sinto necessidade dela. Não posso viver sem ela. A solidão é meu refúgio.

Inaê. Eu nasci em 1941 e você sabe? Em 1945, quando acabou a Segunda Guerra Mundial... eu ainda me lembro. Certa noite vieram nos avisar que a guerra havia acabado. Lembro que minha mãe olhou para o céu e apontando o Cruzeiro do Sul disse-me que parecia mesmo que alguma coisa estava lhe dizendo que a guerra havia acabado. Eu era muito pequeno, mas me lembro porque conhecíamos um vizinho que tinha ido combater na Itália contra o “Eixo”, dizíamos. Alguns meses depois da guerra voltou para casa com algumas medalhas que exibia com orgulho. Ao voltar casou, mas ficou doente. Ao combater na Itália, havia con-

traído uma doença que o levou à morte. O grande orgulho dele, deitado durante anos na cama, era mostrar as medalhas e a farda. Ele se chamava Faustino.

Inaê. A Segunda Guerra Mundial é o fato mais antigo de que tenho lembrança. O que me impressionou, na época, foi a comunicação que fizeram à minha mãe da morte do seu primo Andreatta. Ele era um jovem filho de italianos e que foi combater contra os italianos na Itália. Quando minha mãe perguntou como ele havia morrido o irmão dele, também soldado e que havia voltado, explicou que o seu irmão, acidentalmente, explodiu uma granada na própria barriga, quando estava deitado. Seu corpo havia sido dividido em dois pedaços.

Eu sempre tive horror à guerra. Naquela época não tinha a menor idéia de quais eram as razões que levavam os homens a se matarem uns aos outros. Se dessem o poder às crianças jamais haveria guerra.

Eu era muito pequeno e magrinho, loiro e sardento. Gostava de subir em árvores. Cheguei a dormir em grandes troncos, no alto, e, às vezes, acordava somente quando caía no chão. Lembro-me de ter perdido o fôlego várias vezes, devido à queda. Não tinha medo de animais, mas eles me assustavam. Colhia muitas frutas. Sabia aonde encontrá-las porque sempre estava andando pelos matos. Quando chovia, eu adorava. Adorava e adoro até hoje o cheiro da chuva molhando o chão seco. Eu sempre saía na chuva e molhava toda a roupa. Não resistia a fazer pequenos lagos e poças de água fazendo barragens de barro e madeiras. A água sempre vencida minhas barragens. E minha mãe me batia porque eu chegava em casa todo sujo, com a roupa emporcalhada.

No Natal eu ganhei um canivete. Eu o usava para cortar e chupar cana. Existia uma cana chamada "cana vinho", grossa, muito doce. Goiabas vermelhas, tangerinas, jaboticabas, pêssegos, uvas, mamãos à vontade e tucuns. As plantas destes últimos têm muitos espinhos. É muito difícil chegar a eles. De algumas frutas eu não sabia o nome em português

pois eu comecei a aprender o português quando tinha 7 anos, na escola, lá no alto do Rio Belo. No caminho da escola eu comia pitangas e uma fruta chamada “codogni”. Os “codogni” eram de duas qualidades: os lisos e os crespos. Os lisos eram mais gostosos, de cor verde amarelada. Os crespos eram inteiramente amarelos.

Às vezes aconteciam acidentes. Certa vez minha irmã menor Darci caiu de um pé de pêsegos com uma faca na mão a qual atravessou o braço, de um lado para o outro. Ficamos todos tão apavorados que nada fizemos e ela correu para casa com a faca dentro do braço dela. Minha mãe, assustada, retirou a faca, estancou o sangue, fez um curativo e, alguns dias depois ela estava boa. Não sei como minha mãe conseguiu criar nove filhos nessas circunstâncias. Se não forem entregar o poder às crianças que, pelo menos, ele seja entregue às mulheres. Eu não consigo ver uma mulher ditadora. Se ela tiver sido trabalhadora, ela não conseguirá ser ditadora e corrupta. Porque, a experiência da mulher, mais próxima da terra, mais perto dos filhos, terá sempre maior sensibilidade que o homem. Estou falando da mulher trabalhadora e não da mulher burguesa.

O meu mundo infantil era muito pequeno. Não tínhamos rádio, não tínhamos eletricidade, não tínhamos jornais ou revistas. Os únicos textos que líamos eram os livros religiosos, principalmente o catecismo. Quando ganhávamos a “Folhinha” dos padres franciscanos, a destacávamos e a líamos diariamente. Era uma leitura muito apreciada. Os franciscanos e a Editora Vozes prestaram um grande serviço à alfabetização da classe trabalhadora com seus calendários. Meus pais e muitas famílias de colonos têm, até hoje, a sua Folhinha pendurada na cozinha e vão retirando uma folha por dia, lendo conselhos, biografias de santos, em gotas diárias de sabedoria. Aparece o santo de cada dia. Geralmente é o nome dado a quem nasce naquele dia. A pequena Folhinha, em letras muito pequenas, que muitos idosos não conseguem

ler, traz ainda uma pequena oração e as fases da lua que orientam os colonos no plantio.

Querida Inaê. Para onde é que vamos? O que somos? O que desejo ser? Eram essas as perguntas que eu me fazia. E eu respondia sozinho. Cá estou eu de novo, escrevendo para você e sabendo que você não lerá essa carta. Porque estava, na verdade, escrevendo para mim, para me explicar, para me justificar.

Inaê, até hoje, não tem a menor idéia de que eu lhe havia escrito essa carta. Na verdade, se ela a recebesse, na época, não teria formação suficiente para lê-la e entendê-la. Era uma carta que eu estava escrevendo para me justificar, uma carta que eu gostaria que ela pudesse um dia ler, quando conseguisse entender.

2. Debate com os leitores e leitoras

Amor paterno. Eis um tema que os cientistas sociais sentem dificuldade em tratar, não só porque existem poucos estudos a respeito mas, muito mais, porque é difícil evitar a subjetividade ao tratar dele. É sempre mais fácil escrever na terceira pessoa, sobre temas que não nos impliquem como sujeitos e que podemos manter certa distância.

Quando escrevi pela primeira vez sobre esse tema (*Dialética do amor paterno*), há 20 anos (1983), eu era um pai separado com dois filhos: Dimitri, 11 anos, e Inaê, com 7 anos. Voltei a escrever em janeiro de 1997 para um livro organizado por Paulo Silveira: *Exercício da paternidade*. Eu havia casado de novo. Tábata tinha 7 anos. Ela estava esperando mais uma irmãzinha, a Tainá, “deusa da liberdade”. Dimitri tinha 24 anos, estava casado e acabava de formar-se na Universidade de São Paulo, em Astrofísica.

Inaê, com 20 anos, estava no segundo ano de Fisioterapia na Universidade Metodista de Piracicaba.

Depois que publiquei *Dialética do amor paterno* recebi numerosas cartas que mal conseguia ler, não porque não tivesse tempo ou vontade, mas porque elas me tocavam muito de perto, às vezes me doíam, me obrigavam a sentar, refletir e, de alguma forma, responder não aos que me escreviam, mas responder a mim mesmo. Então, não conseguindo enfrentar o problema, fugia dele guardando as cartas numa gaveta. Foi a insistência de Paulo Silveira que me fez voltar ao assunto e reler as cartas recebidas.

Muitos dos leitores de *Dialética do amor paterno* se sentiram tocados pelo que eu escrevi não porque eu tenha escrito sobre o meu amor, mas porque era o amor deles que estava sendo lido através do meu livro. De certa forma eu estava invadindo a intimidade do leitor. É o que posso depreender da carta que me escreveu Bagdassar Minassian, de Franca (SP), dia 26 de março de 1986.

Caro Moacir:

Vou chegando com intimidade porque já nos conhecemos. Você escritor e eu leitor. Interesse-me muito pelo que escreve principalmente quando do seu livro *Pedagogia do Conflito* encontrei apoio às minhas opiniões (posições) junto aos colegas de magistério sobre a importância da dúvida. Infelizmente a idéia generalizada é a de dar solução — de resolver — a qualquer dúvida, pois, cada um tem a fórmula prontinha para as dúvidas pertinentes às suas áreas.

Estou escrevendo às pressas, como você pode perceber. É o problema do corre-corre. É que terminei, a pouco, de ler a *Dialética do amor paterno* e senti-me na obrigação de escrever-te, parabenizando-o, por ter abordado assunto de extrema importância — mesmo que seja um depoimento pessoal — que, como tal, é freqüentemente relegado a segundo plano. Ele diz respeito a todos nós, pais em particular.

Você escreveu a sua vivência com Dimitri e Inaê mas eu via a Fernanda, o Rodrigo, a Fabiana e a Ana Carolina. Deu-me a sensação, simplesmente, que você “espionava” a minha família e o nosso relacionamento. E se outros lessem, acredito, teriam a mesma sensação, portanto, o que você escreveu não foi só o seu cotidiano foi, também, o nosso, pais. E o que você fez foi, e é, muito importante. Parabéns. Abraços. Bagdassar Minassian.

Essa parece ser também a tônica de outras cartas que recebi de outros leitores. Diziam-se não só “espionados” mas que, na sua leitura, os nomes dos meus filhos eram substituídos pelos de seus filhos.

João Pessoa, 21 de maio de 1985.

Li seu livro. Quase de um fôlego só. Possivelmente vou re-ler. Então, de lápis vermelho, pois, ora fi-lo de lápis preto. É manhãzinha e dentro de uma hora estarei em sala de aula: UFPA, onde seus livros circulam...

Me fez muito bem. Na altura dos meus 57 anos, tenho um Dimitri (leia Ramon: 7 anos) e uma Inaê (leia Raissa... homenagem a Raissa Maritain, esposa do meu querido Jacques Maritain em cujos 30 livros calquei minha Dissertação de Filosofia na UFRJ). Me fez bem e vai fazê-lo a muitos em sala de aula: sou professor de Filosofia da Educação e Educação Brasileira.

Continue escrevendo. É jovem e sacudido. Pena que certos apologistas da Dialética não aceitem muito a dialética para si e suas idéias. Acredito que não é o seu caso. É uma alegria estar enviando esse dedinho de prosa para você, assim como um dia fi-lo para o Rubem Alves... Um abraço. F. Lúcio.

O livro parece que tocou a todos e a todas que o leram porque conta a história do leitor também. E aí eu venho me perguntando: “Por que um tema que toca a tanta gente, que concerne a todos, tenha tão pouca literatura publicada?”

No dia 20 de janeiro de 1997 minha filha Inaê completou 20 anos. Fomos celebrar no Clube dos Professores da USP. Lá, num cantinho do restaurante, perguntei a ela se havia sofrido muito com a separação. Eu me separei da Clarinha, sua mãe, quando ela acabava de completar 7 anos. Ela me respondeu: “Acho que o Dimitri, com 11 anos, sofreu mais porque ele entendia o que estava acontecendo. Eu apenas perguntava para a mamãe: “Quando é que o papai vai voltar de viagem? Por que ele está demorando tanto tempo?”. Em toda partida há perdas. Em toda perda há grande dor. Também para quem parte.

As relações entre pais e filhos, além de indissolúveis, são sempre únicas. É impossível estabelecer regras válidas em geral. Por isso, nesse campo, creio que valem mais os *depoimentos*, porque históricos e situados dentro de contextos concretos. Quando mostramos essas complexas relações, às vezes, palavras não dizem nada. Muitas vezes um pequeno gesto, um olhar, diz muito mais. Sentar-se ao lado do pai ou do filho em silêncio, olhar para uma árvore, um passarinho, juntos, diz mais do que mil palavras de solidariedade ou uma centena de declarações de amor. Para amar basta estar em presença. Às vezes é tão difícil dizer alguma coisa, sobretudo quando se tem culpa ou simplesmente quando se está com saudades, esse delicioso e doloroso estado de ser e estar presente e passado ao mesmo tempo.

Eu costumo falar muito de *saudades*, por isso me perguntaram, certa vez, como eu definia esse estado. Não soube responder, mas lembrei-me de algumas cenas de filmes que vi: o olhar da mãe que volta ao quarto vazio do filho que acaba de perder e da cena final do filme “Pelle, o conquistador”, de Bille August. Trata-se de uma despedida. Pai e filho menor deixam sua terra e procuram emprego numa fazenda em outro país, onde um tenta prote-

ger o outro e sofrem toda sorte de humilhações, vivendo uma vida miserável. No final do filme o menino precisa deixar a fazenda e o país em busca de uma vida melhor e o pai não tem forças para acompanhá-lo. Os dois se despedem com um dolorido aperto de mão. Não há palavras para descrever a tristeza dessa separação.

Comecei a me interessar mais detidamente pelo tema do amor paterno quando, no anos 80, estava fazendo um debate sobre educação e me chegou à mesa uma pergunta: “como você é com seus filhos em casa?” Já havia respondido à questão de público, mas a primeira resposta que havia dado não me satisfazia. Procurei entender minha primeira resposta buscando estudá-la com meus filhos, na presença deles.

No *diálogo* com eles, mas também nas alegrias divididas e sonhadas com eles, nos projetos comuns, na emoção da presença e sobretudo na saudade das ausências que se acentuaram com o novo casamento, pudemos nos perceber como seres frágeis. Pais e filhos são seres frágeis, necessitam da presença, o amor é necessário para mantê-los unidos, mas ele também é insuficiente. Ele mantém viva a relação, mas não consegue superar o incabamento de cada uma das partes. Como seres únicos, cada um de nós precisa viver o seu tempo com a intensidade que puder, dentro das escolhas que fizer. E as escolhas que fizer podem aumentar a distância, mas não destroem o amor paterno. A paternidade é indissolúvel. Os conflitos gerados por escolhas contraditórias são inevitáveis inclusive para o amadurecimento de ambos. Só não podemos fugir da contradição pois estaríamos fugindo da própria essência da vida.

O psicanalista Bruno Bettelheim, que dedicou toda a sua vida à infância, no seu livro *Uma vida para seu filho*, aconselha os pais a não confiarem muito nos especialis-

tas em crianças e confiarem mais em suas intuições. Educar nossos filhos parece ser muito mais uma arte do que uma ciência, a arte de amar. Não há dúvida de que a educação exige também conhecimento e há conhecimento científico sobre a infância. Mas, amar a criança é insuficiente para educá-la. A intuição e a experiência contam muito por que, por mais que busquemos regras comuns, como seres únicos, nossas relações entre pais e filhos também são únicas e irredutíveis.

Buscar a harmonia consiste, muitas vezes, em saber trabalhar o *conflito*. E a ciência para isso não é nem muito extensa, nem muito profunda. Consiste em se pôr a caminho: “uma longa caminhada começa por um pequeno passo”, já nos advertiam os sábios chineses. Enfrentando os conflitos, saberemos como tratá-los. Basta não se demitir, não fugir, não se ausentar, não inventar desculpas: “meu trabalho”, “minha viagem”, “meu compromisso”, “meu salário” etc. Parece simples, mas não é. É mais fácil inventar uma desculpa e fugir.

— Como dar o primeiro passo?

Essa caminhada pode começar com um papo ou com uma saída para ver coisas que simplesmente não vemos quando todos os pretextos acima não nos deixam. Por exemplo: descobrir que mesmo no centro de São Paulo, apesar da poluição, apesar do vandalismo, ainda nascem pequenas flores nas paredes de pedra ou por entre as fendas do chão de cimento. Descobri isso com a Inaê e, nos últimos anos, com a Tábata, passeando aos domingos de manhã.

Mas é preciso decidir-se. O amor é feito de *escolhas*, de decisões. Decidir-se por prestar atenção, por deixar de lado nossas verdades feitas, nossos projetos inflexíveis, nossa sabedoria de adultos maduros. Nada mais triste do que essa noção tão estranha como a maturidade do adulto

que oculta uma enorme fraqueza de espírito. Que raio de maturidade é essa que nos faz dizer toda hora: “enquanto você não comer tudo eu não saio com você”; “enquanto você não terminar a lição, nada feito”; “enquanto você não tirar tudo ‘azul’ na caderneta da escola, não levo você ao cinema... não adianta nem chorar”. Estamos sempre impondo condições ou fazendo chantagens.

Eis o que me escreveu uma psicóloga de Campinas dia 7 de fevereiro de 1989.

Para Moacir Gadotti

A leitura de *Dialética do amor paterno* mexeu muito comigo. É um livro que li no domingo e segunda de Carnaval, estando só com meus filhos, em casa, cuidando deles, questionando a minha relação com o pai deles, triste, com muito desejo de uma vida melhor.

O livro funcionou como uma oração. Senti muita necessidade de me aproximar de você pois me identifiquei enormemente com suas idéias...

Meu filho acordou e eu preciso ficar com ele. Preciso e quero. Tchau. Regina...

Veio a vontade de me expressar mais e daí surgiu esta segunda página. Talvez devido à preocupação em não mostrar somente o emocional.

O seu livro me tocou bastante, também, no lado profissional. Sou psicóloga e presto assistência a gestantes e mães, e suas colocações vieram de encontro com muito do que eu penso. Estou com a idéia de usá-lo nos grupos de reflexão.

Mas o que mais me encantou, com certeza, foi o fato de você estar falando de suas próprias vivências. É imprescindível que os “cientistas” falem, em público, de suas próprias experiências. É uma maneira super importante, eficiente e bonita de se descobrir caminhos, e eu percebo hoje, como nunca percebi antes, que mundo de coisas temos ainda por descobrir.

As teorias estão aí, são fundamentais, mas a maioria dos intelectuais tem a mania de enquadrar tudo, de dar todas as explicações, onipotentemente. Eu vejo muito bem isto com a psicanálise e seu uso.

Se seu livro modifica a sua trajetória como intelectual, como lhe disseram, eu digo — que coisa boa aconteceu com você. Até, Regina Sarmiento.

Havia escrito em *Dialética do amor paterno* que a separação é uma “antecipação da morte” é porque nem uma e nem outra podem ser evitadas. Elas fazem parte da natureza do ser humano. A morte — também um tema difícil de tratar — é a separação final (definitiva?) de uma série de separações. Partimos antes de nossos filhos. É a regra. Mas será que para ser pai é preciso saber partir? E o filho: para ser ele mesmo e não o retrato do pai, não terá ele também que partir?

Profundo e comovente é, a esse respeito, o capítulo “O filho” do livro de Herman Hesse, *Sidarta*¹, com o qual recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1946. Neste capítulo ele descreve sua luta para conquistar o amor do filho que conheceu apenas após a morte da mãe. O pai Sidarta havia deixado a mãe do seu filho sem saber que estava grávida. Em vão, com paciência e gentileza ele tenta conquistá-lo. Sidarta “compreendia muito bem que o garoto não o conhecia e por isso não podia amá-lo como a um pai” (p. 125). Contudo, em vez de aprender a amá-lo, o filho o humilhava diariamente com seus caprichos. Um dia o pai pediu-lhe que fosse buscar uns gravetos e o filho com raiva lhe retrucou: “Não sou teu escravo. Sei muito bem que tu, com a tua piedade e indulgência, apenas tencionas castigar-me e amesquinhar-me. Queres que

1. Herman Hesse. *Sidarta*, 35ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1994.

me torne igual a ti, tão devoto, tão meigo e também tão sábio. Mas, escuta: só para magoar-te, quero antes ser assassino e salteador de estrada! Melhor ir ao Inferno do que ser como tu! Detesto-te. Tu não és meu pai, mesmo que tenhas dormido dez vezes com minha mãe!” (pp. 131-132). Depois disso o menino fugiu e ele jamais chegou a revê-lo.

Inconformado Sidarta o procurou por muitos lugares e sentado a beira do rio onde exercia o ofício de balseiro, escutava o rio que “zombava” dele. E compreendeu ele que o rio que se encontrava ao mesmo tempo em toda a parte — na fonte e na foz, no mar e na serra, na cascata turbulenta e no vale calmo — era como ele: o menino Sidarta não estava separado do homem Sidarta e do ancião Sidarta. Lembrou-se de que a torrente da vida prosseguia e que um dia também magoou seu pai ao partir e jamais retornou a ele. “Reviveu a hora da despedida, quando se fora, para nunca mais voltar. Não padecera o pai as mesmas mágoas que, nesse instante, atormentavam a ele próprio, devido ao filho?” (p. 140).

Sempre chegará a hora em que é preciso partir. E haverá dor. Como esconder isso dos filhos?

A criança precisa de verdade, de transparência e não de cumplicidade ou de subterfúgios. O filho menor não pode ser preservado da vida, das experiências da vida concreta que só ele pode fazer, onde há acidentes de verdade, onde há um trabalho penoso de verdade, um salário de verdade a conquistar e a defender, um lugar para morar de verdade — não uma casinha de papel — um lugar onde há desejos, necessidades, obrigações, dor e prazer — enfim, a experiência de viver num mundo onde há verdades e mentiras e também “mentiras que parecem verdades” para utilizar a expressão de Umberto Eco. O que é o *amor* para cada um?! É poupar o outro de sofrimento?

É renunciar à sua felicidade para que o outro seja feliz? E o outro vai ser feliz por isso?

3. Podemos amar todas as crianças como amamos nossos filhos?

A dialética do amor paterno (e materno) consiste exatamente nisto: somos impulsionados pelo nosso amor e também pela nossa responsabilidade, a encurtar o caminho dos nossos filhos, expondo-lhes as nossas próprias experiências, como se eles pudessem copiar um item ou outro do nosso *curriculum vitae* e colar no seu. Mas não. Eles deverão fazer o seu caminho, errar e acertar por eles mesmos. Quando muito, podemos dizer e mostrar o que fizemos. Quando muito, podemos indicar um caminho entre outros.

Era um pouco isso que tentava dizer em 1984 quando pus o subtítulo “do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças” e que foi tão incompreendido. Inspirei-me numa passagem do livro *Não é fácil amar nossos filhos* de Georges Snyders². Houve amigos, como o grande educador Hubert Lepargneur, que temiam que eu estava defendendo com isso um “amor universal”, “válido como horizonte ético, mas problemático na prática”.

Eis as considerações sobre o livro que Lepargneur me endereçou através do editor:

São Paulo, 17 de março de 1985.

Caro Moacir,

Recebi o livrinho *Dialética do amor paterno* e acabei de lê-lo. Agradeço ao autor e ao editor. E não de maneira convencionalmente formal. Parabéns. Vale mais do que pesa.

2. Georges Snyders. *Não é fácil amar nossos filhos*. Lisboa, Dom Quixote, 1984.

O importante é realmente a conquista da liberdade e veracidade interior. Menos para o político, o comerciante, o publicista... cuja verdade está no outro, no cliente, a opinião dos outros deve ser respeitada, mas sem nos demover de nossa identidade, sem lhe outorgarmos um peso exagerado. Sabedoria não é seguir os outros, mas avaliar *para si* o que vale a pena. Tinha um recado bem vivido para transmitir, nada louco, que pudesse esclarecer o leitor, fez bem tentar...

O subtítulo me fez recear uma apologia do “amor universal”, válido como horizonte ético, mas problemático na prática e criticado por alguns na “caridade cristã” (quem ama a todo o mundo não ama a ninguém). O amor, me parece, não precisa ser justificado, precisa apenas ser vivido (com sua devida renovação), e é sempre concreto e contextualizado. Por isso não podemos concordar com o abandono de Jean-Jacques Rousseau de seus cinco filhos (concretos) para ter mais liberdade para filosofar (palavras), ainda que por amor a todas as futuras crianças do mundo, já que se tratava de esclarecer os pais.

O que li recentemente da Europa sobre crise e sociologia da família, confirma suas reflexões, em geral, mas sejamos justos para a instituição (ressalva à p. 39 do seu livro): sua razão de ser, originária e estrutural, é precisamente de *proteger* a vida, o amor, a liberdade etc., mesmo se o seu destino comum..., mas utopia nem sempre resolve, e se parece freqüentemente com uma promessa impossível.

Ao ver evocado Kafka e sua famosa carta ao pai, gostaria de salientar mais o papel da provocação-desafio. É sempre a frustração que lança à luta. Mal imagino uma pessoa perfeitamente feliz e criativa. A felicidade é honrável mas não é criativa... Para mim, o ato mais difícil de minha vida não foi entrar na vida religiosa, nem passar da Ordem dominicana à ordem camiliana, nem mudar de continente e meio. Opção decisiva só para quem gosta. Foi perdoar ao pai, apesar de tudo que lhe devo. Aqui nossas experiências são diferentes, já que eu sei em mim mesmo que a vontade de me distanciar do pai me ajudou a aceitar alegremente o

propósito de vir ao Brasil, ao passo que leio em sua obra (p. 91): “nunca me acostumei a viver longe dele”.

Totalmente de acordo sobre achados seus como: “a banalidade está em não reconhecer o valor de cada instante, a só atribuímos valor aos grandes momentos, aos momentos ‘heróicos’ da vida” (p. 27); “Um amor sem caminhada é tempo perdido. Acredito que todo amor seja sustentado por algumas caminhadas” (p. 67); “Amigos são tão importantes quanto os pais” (p. 68); “A verdade não tem idade” (p. 73); “Tarefa mais difícil... ensiná-los a serem livres numa sociedade que ensina os filhos a possuírem objetos” (p. 25); “Amar é prestar atenção” (p. 81): excelente. “Separação é antecipação da morte” (p. 89). “Para matar o amor (o meu) basta reduzir o outro a mim mesmo” (p. 33). Mata também o amor do outro, em geral. “Odeio o anonimato” (p. 97). Eu também. Mais banal hoje e contestável me parece a idéia do relacionamento pai-filho de igual para igual, como camaradas simples. Não é bem assim. Nas belas meditações psicanalíticas de Françoise Dolto, discípula de Lacan, sobre os Evangelhos, captei a idéia justa e original que o ser humano deve normalmente transmitir ao filho o bem recebido do pai; não é uma relação simétrica, recíproca. Pai (benfeitor algum) não deve pedir ou esperar reconhecimento (se vem, tudo bem); a troca não é esta, mas com mão única de geração à geração seguinte. O Evangelho pede o amor universal (com a ressalva feita acima), mas a Dra. Françoise Dolto observa que, especificamente, a bíblia não pede amar os pais: pede *honrar* os pais, o que significa respeito e sustento na velhice ou na dificuldade, se houver o caso. Natural é amor de pai ou mãe para filho. A gente *honra* suas raízes mas *quer* seu prolongamento no futuro.

Parabéns pelo inconformismo de seu último livro.

Cordiais saudações, H. Lepargneur.

O Padre Lepargneur, autor de numerosas obras educacionais, foi um dos primeiros educadores brasileiros a falar

da questão da autonomia da escola e da autonomia intelectual do aluno. Sinto-me honrado em poder reproduzir aqui, na íntegra, a sua carta, pois é um convite à reflexão sobre a paternidade e também um notável depoimento pessoal que poucos intelectuais costumam fazer. Concorro com ele: pais e filhos podem ser iguais ontologicamente, mas são profundamente diferentes quanto às responsabilidades de cada um.

Nunca respondi a carta de Lepargneur. Gostaria de agradecer-lhe e dizer que é preciso romper com uma estrutura familiar fechada, quebrar suas muralhas milenares para compreender porque é possível amar mais e de uma forma ainda mais sublime os nossos filhos se amarmos *todas as crianças do mundo*. Não significa abolir a família, mas criar uma pluralidade de relações e de instituições que não se resumam solitariamente nela. Casais que vivem juntos ou não, relações prolongadas com os filhos ou não, pais biológicos ou não etc. são formas possíveis que poderiam conviver harmoniosamente, sem serem todas elas reduzidas a uma instituição padrão. O pai não é necessariamente o progenitor ou reprodutor, como sustenta Paulo Silveira no livro já citado. Ele faz referência por exemplo aos meninos e meninas de rua que abandonam os seus progenitores e escolhem os seus “pais” na luta pela vida. Aquele que chamamos pai pode não ser necessariamente nosso genitor. Pode ser uma mulher, um padre. Recebi das mãos do pai Pe. Júlio Lancellotti em junho de 2000 um poema escrito para sua filha Mislene Cândido da Silva (1988-2000) que prova de forma comovente esse “exercício da paternidade”:

Mislene, minha filha

Jamais poderei esquecer a tua voz forte e frágil me chamando de pai, mesmo quando a dor te fazia esmorecer.

A tua luta pela vida, tua busca de proteção, tua vontade de passear e de um colo encontrar, são lembranças inesquecíveis que carrego no coração.

Agora te procuro, queria sentir tua mão entrelaçada na minha, fazendo da vida uma profunda oração.

Mislene, minha filhinha, princesa que queria ser rainha, reina, protege, faz sonhar, vem logo, não demore, minha lágrima enxugar.

E lá, juntinho de Deus, um dia vou te encontrar.

Teu pai. Pe. Júlio Lancellotti.

Li uma estatística na *Folha de S. Paulo*, em 1996, que 40% dos filhos de empregadas domésticas estão sem assistência em casa, perambulam pelas ruas, muitas vezes não têm o que comer e, por isso, encontram mais facilmente o caminho da delinquência. Como podemos, então, nos ocupar apenas dos “nossos” filhos? “Melhor não tê-los”, diria Sartre, não só no sentido de possuí-los, mas no sentido mais comum de criar um filho. Não posso criar meu filho, sentindo-me feliz convivendo com ele, e ignorando as crianças que estão na rua. Se olharmos para os olhos delas, quando elas nos abordam nos semáforos das cidades, nos sentiremos também responsáveis e encontraremos alguma coisa a fazer por elas. Embora “condenados à liberdade” (Sartre) e à felicidade, não podemos ser felizes e livres sozinhos (ainda Sartre).

Muitos pais e mães estão se afastando dos filhos pelas jornadas estafantes de trabalho. Não só nas classes populares, mas também nas classes médias. Recebi de Santos (SP), dia 16 de maio de 1989, uma carta que me chamou atenção também para isso.

Querido Gadotti,

Peregrinei um pouquinho atrás do teu livro. Eu queria comprá-lo e dá-lo de presente para o pai do Pedro meu fi-

lho. Como ia dá-lo de presente, tratei de lê-lo sem escancarar as páginas, sem grifar frases, coisas que me fazem íntima dos livros. E foi tudo num fôlego. Distraída, até passei do ponto do ônibus.

Logo na página 24, terceiro parágrafo, tomo uma punhalada!!! Mas continuo. Afinal, verdades doem, a realidade às vezes também.

E hoje, depois de desistir de fazer uma porção de coisas agendadas, sentei num banco da praia e fiquei lendo como há muito tempo não lia, com emoção. Até um nozinho na garganta apareceu, meio de “improviso”. É que ultimamente, estou devorando livros mais técnicos. Mas nenhum mexeu tanto comigo...

Gadotti, só terminando de “ler” você, a Inaê e o Dimitri, através do seu livro, é que compreendi porque não concluí um trabalho sobre as mães que trabalham fora e toda a problemática envolvida: é que ser “doloridamente transparente” é muito sofrido, e eu não estava preparada, ainda.

Meu filho está com 4 anos e há 8 meses que mora com o pai e os avós paternos em São Paulo e me vê apenas fim de semana. Em prol do meu trabalho, pois sou educadora de classe especial e tive que me deslocar para cá. No começo foi tão duro, Gadotti, foi mesmo uma sensação de perda, irreparável, coisa de morrer mesmo... Agora, engajada no processo, eu e o Pedro tiramos proveito dessa situação. Confiei no meu filho e nem eu mesma sabia da profundidade desse sentimento. Coincidências à parte, em julho irei a Campinas... quem sabe te vejo, apanhando flores com a Inaê. Um grande beijo. Isabel Helena Nascimento.

Amar uma criança é amar a todas as crianças, também a criança espancada, violentada, vítima da sociedade injusta... Não posso realmente amar plenamente meu filho enquanto existirem tantas crianças vítimas de violência. Digo isso não apenas *como pai*, mas também *como educador*, como o fez Georges Snyders no seu livro *Não é*

fácil amar nossos filhos, um verdadeiro hino ao amor e à família (à família em devir, não à família burguesa).

A violação dos direitos é também resultado de um processo distorcido de “educação” daquelas mesmas pessoas que deveriam resguardar esses direitos. Essa é a educação dominante, sustentada na *cultura da indiferença*, herança de uma civilização que nasceu com a marca da violência e do descompromisso com a sorte das maiorias. Não podemos esquecer que o Brasil foi o último país do mundo a pôr fim à escravidão, onde gente era comprada e vendida. O Brasil é um país que nasceu com a marca da exclusão. Herdamos, portanto, a insensibilidade diante da miséria.

À insensibilidade social soma-se ainda o preconceito de muitos *livros didáticos*. Que referencial positivo pode ter a criança negra que vê no livros didáticos o negro sempre como escravo ou foragido e nunca como advogado, engenheiro ou médico? A criança negra acaba se envergonhando da sua história. Como pode ela construir a sua auto-estima e considerar a contribuição da nação afro-brasileira como marca da cultura brasileira se ela vê o negro representando sempre o submisso?

Em algum lugar é preciso começar a desatar esse nó e todo lugar é válido: na escola, na universidade, na empresa, na família dos que a tem bem constituída ou fora dela. Mas além de mexer com a mentalidade, que leva tempo, é preciso atender, com urgência — “quem tem fome tem pressa”, dizia o Betinho — essas crianças através do trabalho, do estudo e da constituição da família, natural ou social, da criação de ambientes adequados que minimizem a falta de laços afetivos. *É preciso acima de tudo de afeto* no seu sentido etimológico, de “afetar”. Todos precisamos nos sentir afetados e responsáveis,

mesmo não estando no trabalho de educar crianças expostas a toda sorte de riscos. Não há problemas humanos para os quais não tenhamos dentro de nós todos recursos para solucioná-los.

Festinhas de aniversário de crianças. Parecem tão chatas!

Hoje você pode achar que é um desperdício de tempo, que não tem sentido, que é puro comércio, troca de presentes. Você só pensa assim porque jamais conseguiu voltar a ser criança, jamais conseguiu escutar o coração de uma criança, ler o seu olhar, escutar seus gritos de alegria e de prazer diante de sua turma de escola.

Você sabia que o amor existe desde a mais terna idade? Você ri e brinca quando sua filha de 4 anos diz que está namorando. Ao contrário deveria prestar mais atenção. Ela realmente está amando. Como nós, adultos ruborizamos quando somos pegos com alguma traquinagem amorosa, ela também fica vermelha e de olhos marotos e brilhantes quando falamos do seu namorado, mesmo que seja um tampinha de 3 aninhos.

Por isso, prestigie todos os aniversários de crianças, das suas principalmente. Um dia você vai precisar desses momentos tão barulhentos, você desejará escutar todos aqueles ruídos e, infelizmente, o seu tempo passou e não mais voltará.

Bibliografia

- ABERASTURY, Arminda & Eduardo J. Salas. *A paternidade: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- ALTHUSSER, Louis. *O futuro dura muito tempo, seguido de 'Os Fatos' — Autobiografias*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- ARIAS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BADINTER, Elizabeth Badinter. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*, 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A criança, o brincar, a educação*. São Paulo, Summus, 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *Só amar não basta*. Santos, Martins Fontes, 1976.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*, 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____. *Dialética do indivíduo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- CARUSO, Ilda Aparecida. *Paternidade: uma forma de existir*. São Paulo, PUC-SP, 1986 (Tese de doutorado em Psicologia Clínica).
- CHARLOT Bernard. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ENGELS, Friedrich. "Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado". In: Marx & Engels, *Obras completas*, v. 3. São Paulo, Alfa-Omega, s./d.
- FRANKL, Viktor. *La psychothérapie e son image de l'homme*. Paris, Resna, 1970.

- GARDNER, Richard A. *Casais separados: A relação entre pais e filhos*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Violência de pais contra filhos: Procuram-se vítimas*. São Paulo, Cortez, 1984.
- GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *Construção do matrimônio*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GUSDORF, Georges. *La découverte de soi*. Paris, PUF, 1948.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- HESSE, Herman. *Sidarta*. Rio de Janeiro, Record, 1994, 35. ed.
- KAFKA, Franz. *Carta a meu pai*. São Paulo, Nova Época, 1983.
- KONDER, Leandro. *Marx: Vida e obra*, 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- LACAN, Jacques. *A família*. Lisboa, Assirio & Alvim, 1978.
- LECLERCQ, Jacques. *A família*. São Paulo, EDUSP, 1987.
- MAYRINK, Geraldo & Fernando Moreira Salles. *Eu me lembro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- MONTAIGNE, Michel de. "Da afeição dos pais pelos filhos". In: *Ensaíos*. São Paulo, Abril Cultural (Coleção "Os Pensadores"), 1972, v. XI, p. 185-194.
- NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. São Paulo, Círculo do Livro, s./d.
- PRADO, Danda. *O que é a família*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RICOEUR, Paulo. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, Papirus, 1991.
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo, Summus, 1983.
- ROGERS, Carl. *Novas formas de amor: o casamento e suas alternativas*, 5. ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1979.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Paris, Garnier-Flammarion, 1966.
- _____. *As confissões*. São Paulo, Ediouro, s./d.
- SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris, Gallimard, 1964.
- SNYDERS, Georges. *Não é fácil amar os nossos filhos*. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- THIS, Bernard. *O pai: ato de nascimento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

MOACIR GADOTTI nasceu em Rodeio (SC), em 1941. É licenciado em Pedagogia (1967) e Filosofia (1971). Fez Mestrado em Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973), Doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Genebra (1977) e Livre-Docência na Universidade Estadual de Campinas (1986).

Foi professor de História e Filosofia da Educação em cursos de graduação e pós-graduação de diversas instituições, entre elas a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi coordenador para a América Latina da ICEA (International Community Education Association) e membro do Comitê Brasil do WUS (World University Service). Atualmente é membro do Comitê Político do FME (Fórum Mundial de Educação).

Foi assessor técnico da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (1983-1984) e Chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo (1989-1990), na gestão de Paulo Freire. Atualmente é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire.

Além dessa atividade acadêmica, engajou-se em vários projetos de ação teórico-práticos, entre eles: a redefinição dos Cursos de Pedagogia (1977-1983), a fundação do Centro de Estudos “Educação & Sociedade” (1978-1982), a reformulação do projeto político-pedagógico da Universidade Católica de Campinas (1980-1984), a criação do Fórum de Educação do Estado de São Paulo (1983-1984), a criação da Fundação Wilson Pinheiro (1982-1986) e a fundação do Instituto Paulo Freire (1992).

Possui um grande número de publicações em que desenvolve uma proposta educacional cujos eixos são a formação crítica do educador e a construção da escola cidadã, numa *perspectiva dialética integradora* da educação e orientada pelo *paradigma da planetaridade*. Entre os livros publicados destacam-se: *A educação contra a educação* (1981), *Concepção dialética da educação* (1983), *Pensamento pedagógico brasileiro* (1987), *Convite à leitura de Paulo Freire*, (1988), *Escola cidadã* (1992), *História das idéias pedagógicas* (1993), *Pedagogia da práxis* (1995) *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996), *Perspectivas atuais da Educação* (2000), *Pedagogia da Terra* (2000) e *Um legado de esperança* (2001).

ste trabalho de *Moacir Gadotti* é rico de idéias ao mesmo tempo em que é uma terna e corajosa declaração de amor, não só aos filhos mas à família, faz aflorar, nas entrelinhas, um dos conflitos mais pungentes no qual se debatem hoje os intelectuais comprometidos com o processo de transformação social: a possibilidade de se unir o amor que se sente pelo filho ao amor pela coletividade das crianças. O reconhecimento desta contradição é fundamental para o redimensionamento da vida do homem moderno e particularmente do intelectual que assiste perplexo à fragmentação do amor. O autor intui que o caminho é a dialética – unidade e oposição de contrários –, aceita o conflito e vai buscar no educador clássico Rousseau apoio para a emoção da descoberta da paternidade responsável. O resultado é um livro pequeno, denso, rico de pistas muito relevantes a serem seguidas, extremamente polêmico.

Francisca Severino
posfácio à primeira edição

ISBN 85-249-0923-4



CORTEZ
EDITORA